

TEMAS PARA

GRUPOS PAROQUIAIS
DE MEDITAÇÃO E ORAÇÃO
COM A BÍBLIA

ANO PASTORAL 2011/2012
Arquidiocese de Évora

INDICE

Introdução ao Evangelho de S. Marcos	5
Tema 1: Jesus chama discípulos para anunciar o Reino	11
Tema 2: Jesus fala e actua com autoridade	17
Tema 3: Seguir Jesus para entrar no Reino	23
Tema 4: A nova família de Jesus	29
Tema 5: A fé no meio da tempestade	35
Tema 6: Os milagres: sinais para a fé	41
Tema 7: Jesus “faz tudo bem feito”	47
Tema 8: Jesus cura os cegos	53
Tema 9: A profissão de fé em Jesus	59
Tema 10: Viver com Jesus	65
Tema 11: As tentações do poder	71
Tema 12: Saber estar frente aos adversários	77
Tema 13: O diálogo com todos	83
Tema 14: A primazia do amor	89
Tema 15: As provações dos discípulos	95
Tema 16: A fé em Jesus crucificado	101
Celebrações	
<i>Celebração pelo Natal</i> - Conversão	107
<i>Celebração pela Páscoa</i> - Ressurreição	113
<i>Celebração no final do ano</i> - Envio	117

INTRODUÇÃO AO EVANGELHO DE S. MARCOS

1. Ler o Evangelho de Marcos hoje

O Evangelho de Marcos é sem dúvida o menos conhecido dos Evangelhos, embora o não pareça. Durante séculos o contacto com os Evangelhos era feito nas celebrações litúrgicas por meio do Evangelho de S. Mateus. Deve-se ao Concílio Vaticano II a alteração da situação, ao distribuir por 3 anos a leitura dos três primeiros Evangelistas. São Marcos era quase desprezado por ser o mais rude e mais breve: tem apenas 661 versículos contra os 1068 de Mateus e 1149 de Lucas.

Este ano litúrgico – o Ano B – dá-nos a oportunidade de ler o Evangelho de Marcos durante os chamados “domingos comuns” do ano. Vamos oferecer aos *grupos paroquiais de meditação e oração com a Bíblia* um conjunto de temas que contribuirão para o aprofundamento da nossa fé em Cristo e na sua Igreja. Todos estamos mais ou menos conscientes da importância da participação na Eucaristia dominical, onde se escuta e é actualizada a Palavra de Deus, mas já nos teremos apercebido que isso não é suficiente. Precisamos de conhecer mais e melhor a Palavra de Deus, para não cair no que diz S. Jerónimo: que a “ignorância das Escrituras é ignorância de Jesus Cristo”.

É por isso que vamos ler e reler o Evangelho de Marcos para nos deixar invadir pela Presença que nele está e assim deixar que ela realize hoje em cada um de nós a sua obra de salvação, salvação que toque o fundo dos nossos desejos e aspirações concretas, os nossos sentimentos mais comuns. Não recorreremos à tecnicidade dos exegetas, mas também não a ignoramos; antes, tê-la-emos sempre presente.

Não é tarefa fácil ler o Evangelho com a preocupação de mergulhar na profundidade do seu significado. Não é uma biografia de Jesus, nem

tão pouco uma crónica dos acontecimentos por Ele realizados. Por isso não se pode ler o Evangelho como uma história, procurando nele a exactidão das narrações. Ler o Evangelho é entrar em relação com alguém, com Jesus Cristo. E os encontros pessoais, quando assentes na verdade e na perseverança, transformam a vida. O “outro” provoca o nosso coração, a nossa sensibilidade. Ler o Evangelho significa deixar-se arrastar, como os discípulos e os contemporâneos de Jesus, para uma viagem sem retorno, para uma aventura que se baseia na proposta de vida feita por Jesus.

2. O Evangelho Sinóptico de Marcos

Antes de iniciarmos a leitura do Evangelho, demos atenção a algumas questões prévias para melhor entender o que lemos.

O Evangelho de Marcos é o segundo dos Evangelhos Sinópticos, atendendo à ordem com que entrou na lista dos livros canónicos da Bíblia, ou seja, naqueles em que a Igreja reconheceu desde sempre as Verdades da Fé que ela professa e vive. Porém, na ordem temporal é de todos os Evangelhos o mais antigo. Terá sido escrito por volta do ano 70 – ano da destruição do Templo de Jerusalém – e, como tal, serviu de fonte para a redacção dos outros dois Evangelhos, escritos depois.

Chamamos-lhes Sinópticos, porque colocando-os em paralelo, se observam grandes semelhanças. O termo “sinóptico”, que vem da língua grega, significa “visão de conjunto”. As semelhanças explicam-se pela utilização das tradições do Evangelho ou Boa Nova de Jesus, tal como era pregado pelos apóstolos nas suas comunidades. As diferenças que também apresentam são fruto precisamente da utilização muito pessoal das tradições que circulavam nas comunidades primitivas e que alimentavam a sua fé em Jesus.

3. O autor Marcos

O segundo evangelho, de resto como os outros, não é assinado por ninguém. Só a partir do séc. II se começa a atribuir este Evangelho a Marcos. Por volta do ano 140, Papias, bispo de Hierápolis, fala de “Marcos, intérprete de Pedro”; S. Ireneu, bispo de Sião, diz que o Evangelho foi escrito por Marcos, em Roma, segundo o testemunho de Pedro, mas depois da sua morte.

Quem seria esse Marcos? Com base em S. Ireneu, pensa-se que tenha sido o jovem João Marcos – umas vezes chamadas João e outras Marcos –, de quem falam os Actos dos Apóstolos (Act. 15,39; 13,5-13; 12,12.35 e 15,37) e que teria mesmo acompanhado Paulo durante a sua primeira viagem missionária (Act. 11,30; 12,25; 13,5.13 e 15,36-40). Por sua vez a sua mãe possuiria uma casa em Jerusalém, onde a comunidade das origens se reunia após a Páscoa e o Pentecostes (Mc. 16,14; Act. 2,1ss; 12,17).

Seja como for, trata-se de uma pessoa que terá feito uma experiência missionária com Paulo e terá tido uma ligação bem confirmada pela tradição com Pedro, de cujo anúncio evangélico terá dado forma escrita no seu Evangelho.

A Igreja escolheu o leão, rei do deserto, como símbolo do evangelista.

4. A pessoa de Jesus

É sobre a pessoa de Jesus que se funda a nossa fé. Por isso, é necessário fazer luz sobre este homem da Galileia, sobre a sua verdade profunda e sobre toda a sua história, para não se cair em fáceis subjectivismos. Foi o que fez o Evangelista Marcos. Partindo da fé da comunidade primitiva, sobretudo daquela a que ele estava ligado, põe em relevo os factos e as palavras de Jesus de Nazaré à luz da sua ressurreição. Utiliza os títulos da fé que o próprio Jesus

poderá ter utilizado e outros que terão sido acrescentados pela própria comunidade, para exprimir não só a fé como tudo o que o próprio Jesus é. Eis alguns títulos: Filho de Deus, Cristo ou Messias, Filho de David e Filho do Homem. Começa com o título Filho de Deus (Mc. 1,1) e termina com o mesmo título na boca do centurião romano após a morte de Jesus (Mc. 15,31). Nisto consiste o Evangelho por ele apresentado: mostrar que Jesus, o crucificado, é verdadeiramente o Filho de Deus. É a pessoa de Jesus que Marcos põe no centro do seu evangelho. Ela domina mesmo os episódios mais insignificantes. O importante é deixar-se tocar pela sua morte e ressurreição, como os primeiros discípulos. Enfim, Marcos introduz-nos no encontro com o Jesus do passado, que é também o Jesus vivo de hoje; faz-nos entrar em comunhão com o mistério cristão naquilo que ele tem de mais profundo, para alimentar a nossa fé.

5. Comunidade crente

Por detrás da personalidade do autor que deixou a sua marca pessoal no texto, encontra-se uma comunidade e uma tradição. Os relatos dos milagres, as parábolas e as próprias palavras de Jesus têm atrás de si uma história e uma vivência próprias. Antes de Marcos, eles já existiam, sendo utilizados pelos cristãos para alimentar a fé. Marcos retoma-os e organiza-os à sua maneira. São 40 anos de experiência da Igreja, experiência que ele recolhe por intermédio da sua comunidade. Autor dela, muitos cristãos viveram a experiência dos relatos de Jesus.

A expressão “Jesus e os seus discípulos” (cf. 1,21,29; 2,23;3,7; 6,1; 8,1.27.34; 9,30; 10,13; 13,1), que frequentemente se encontra em Marcos, recorda Jesus e a sua Igreja; mas nas palavras da Igreja está presente e vive a palavra de Jesus. A pessoa de Pedro – o modelo dos discípulos de Jesus tanto para o bem como para o mal – é a imagem de quem empreende o caminho da fé, de quem supera a incompreensão que aprisionava os outros apóstolos e, com a sua confissão de fé na filiação divina de Jesus, emerge dentre os seus

companheiros de apostolado, como testemunha da revelação e da fé (Mc. 8,28).

A sua comunidade está em caminho, tal como Jesus da Galileia para Jerusalém, do baptismo para a cruz. O tema do caminho encontra-se vinculado à Galileia, por onde Jesus caminha, mas é igualmente um caminho para a cruz. A Galileia, porém, é cada lugar onde Cristo Ressuscitado vive, onde opera e se anuncia em qualquer comunidade; e o caminho é feito com Jesus e no seguimento d'Ele.

6. Uma linha de leitura

São possíveis diversas formas de abordar o Evangelho de Marcos, porque diversos são os filões que atravessam o evangelho, como fios de um tecido bem urdido. Vamos escolher um desses filões que transmite unidade ao Evangelho. Escolhemos o tema do Reino de Deus que Jesus anunciou e continua a anunciar hoje na Igreja, e que nos dá uma vista panorâmica do Evangelho e do drama que nele se desenrola, ou seja, a revelação do Reino de Deus e a sua expansão.

São 6 as etapas que suportam todo o movimento à volta do Reino de Deus, com uma ligeira introdução (Mc. 1,1-13) e um epílogo (Mc. 16,1-8) e uma conclusão final que apresenta a missão dos discípulos no mundo (Mc. 16,9-20).

- 1) A 1ª etapa pode intitular-se: “O Reino de Deus aproxima-se: eis a vinda de Jesus (Mc. 1,14-3,6). Inicia-se com um sumário que apresenta a proclamação de Jesus (1,14-15), seguindo-se o chamamento dos primeiros discípulos (1,16-20).
- 2) A 2ª etapa desenvolve-se à volta de dois pólos: o “mistério” do Reino e Jesus com os “seus” (3,7-6,6a). Com um sumário descreve-se a actividade de Jesus com a multidão na margem do lago (3,7-12) e depois, sobre a montanha, designa os doze apóstolos (3,3-19). Num primeiro quadro que compreende o espaço de um dia, Jesus anuncia

em parábolas o mistério do Reino (4,1-34) e, num segundo, Jesus confronta as faces do mal. A barca dos discípulos intervém em todas as deslocações através do lago.

- 3) A 3ª etapa apresenta a extensão do reino: Jesus é o pão para todos (6,6-8,30). Com um sumário apresenta-se em grandes linhas a missão de Jesus nas aldeias (6,6-7) e, de seguida, a missão dos dois discípulos (6,8-13). No final, Pedro confessa a sua fé em Jesus (8,27-30). Jesus e os discípulos vão alargando o horizonte de uma missão: de Genezaré, a Tiro e à Decápole. Jesus supera as fronteiras da Galileia para alcançar as regiões pagãs.
- 4) A 4ª etapa desenrola-se à volta de 2 temas: a viagem de Jesus e a entrada no Reino (8,31-10,31). Aqui o sumário mostra Jesus que propõe o destino de sofrimento e de morte do Filho do Homem (8,31-33), em conjunto com as exigências do discipulado (8,31-9,1). Três anúncios da paixão perpassam esta etapa.
- 5) A 5ª etapa inaugura o juízo sobre Jerusalém com a afirmação do Reino de David (10,32-13,34). O sumário é constituído pelo terceiro anúncio da paixão (10,32-34) enquanto os discípulos são convidados a imitar o Mestre, colocando-se ao serviço de todos (10,35-45). Termina com o discurso de Jesus sobre a ruína do Templo e sobre o fim dos tempos, fazendo apelo a todos à vigilância (13,1-37). Tudo acontece no horizonte da viagem de Jesus para Jerusalém, da cidade de Jerusalém e do templo.
- 6) Por fim, a 6ª etapa é consagrada ao juízo de Jesus: ele revela-se como Filho do homem e é finalmente reconhecido como Filho de Deus (14,1-15,47).

Os diversos temas ao longo do ano proporcionar-nos-ão um maior conhecimento de Jesus, bem como uma maior consciência dos apelos que Ele dirige aos discípulos de hoje que somos nós por Ele escolhidos para membros da sua Igreja, que tem como missão anunciar e viver o Reino de Deus no mundo.

TEMA 1

JESUS CHAMA DISCIPULOS PARA ANUNCIAR O REINO

1. ORAÇÃO

Estamos a iniciar um novo ano pastoral e, com esta reunião, retomamos os nossos encontros habituais. É provável que, ao longo do verão, tenhamos sentido a falta das nossas reuniões. É bom sinal. Ao menos significa que são importantes para nós e que a escuta e a partilha da Palavra de Deus nos fazem crescer como cristãos. Este é um dos objectivos que nos propomos atingir ao longo do presente ano: crescer na fé através da leitura, da reflexão e da partilha de textos do Evangelho de S. Marcos.

Jesus começou por dizer uma coisa muito simples e muito exigente: “arrependei-vos e acreditai no Evangelho”. Para compreender melhor este apelo de Jesus, procuremos abrir o nosso coração à Palavra e escutar o chamamento que Ele faz quando escolhe os primeiros discípulos. Invoquemos o Espírito Santo para que seja Ele a iluminar-nos e nos ajude a descobrir o caminho que Jesus quer trilhar connosco.

2. LEITURA DA PALAVRA

Proclamação: **Mc 1, 14-20**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

O Evangelho de S. Marcos é o mais curto dos quatro que estão nas nossas Bíblias: S. Marcos, S. Mateus, S. Lucas e S. João. Começa logo a falar daquilo que escreve: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus” (Mc 1,1). Depois, em poucos versículos, refere a pessoa, a acção e a pregação de João Baptista; o Baptismo de Jesus e as tentações, mas sem as descrever em pormenor como fazem S. Mateus e S. Lucas. S. Marcos diz apenas que o Espírito impeliu Jesus para o deserto, onde esteve quarenta dias e era tentado por Satanás.

Imediatamente a seguir, e depois de dizer que João Baptista tinha sido preso, Jesus inicia a sua actividade proclamando o Evangelho de Deus, convidando ao arrependimento e à fé no Evangelho. As primeiras palavras de Jesus são só estas: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho”.

Surpreende que Jesus chame logo os primeiros discípulos, que são quatro: Simão e o seu irmão André; Tiago e João, também irmãos. Todos eles eram pescadores e quando Jesus os viu estavam no lago da Galileia, o lugar onde eles exerciam esta actividade. Assim que Jesus os chamou, deixaram logo tudo e seguiram-n’O.

É de admirar que aqueles homens, que ainda não tinham ouvido falar de Jesus (parece que a única coisa que teriam escutado do próprio Jesus deveriam ter sido as palavras registadas antes: “completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho”!), deixem imediatamente tudo e O sigam. Se compararmos com os Evangelhos de Mateus e Lucas verificamos que, antes deste chamamento, acontecem mais coisas indicando que, os que são chamados, poderão ter tido outras informações sobre Jesus. Concretamente, no Evangelho de S. Lucas, o chamamento dá-se depois de Jesus ter falado longamente à multidão que se comprimia à sua volta e de ter requisitado a barca de Pedro para, dali, se poder dirigir melhor às pessoas. De seguida, convida Pedro a “fazer-se ao largo e a lançar as redes para a pesca”. Pedro responde dizendo que tinham andado na faina toda a noite e não tinham apanhado nada mas, para obedecer a Jesus,

lançou as redes. A pesca foi tão abundante que Pedro caiu aos pés de Jesus confessando-se um homem pecador; o espanto também se apoderou dos companheiros e de Tiago e João, filhos de Zebedeu. Foi então que Jesus se dirigiu a Pedro e lhe disse que, a partir daquele momento, seria “pescador de homens” (ver Lc 5, 1-11). história do chamamento dos primeiros discípulos contada por Lucas parece ter mais lógica do que a forma como é contada em Marcos. Aqui, tudo acontece de repente.

Logo a seguir, o Evangelista diz que “entraram em Cafarnaum”; portanto, aqueles discípulos já vão com Jesus e parece que nunca mais se largam ao longo dos anos da actividade pública de Jesus. Estes primeiros quatro discípulos integrarão depois o grupo dos Doze, escolhidos por Jesus “para estarem com Ele e para os enviar a pregar” (Mc 3,14-19). De facto, são estes Doze que depois Jesus envia dois a dois com poder sobre os espíritos malignos (Mc 6,7) e hão-de acompanhar sempre Jesus em todos os momentos.

O cenário do chamamento é o mar da Galileia. À volta daquele grande lago, nas cidades, nas aldeias e nos montes, Jesus encontra-se com as multidões estando quase sempre os seus discípulos ao redor d’Ele. Em tantos encontros com as pessoas, no ensino de Jesus, nas deslocações, encontramos sempre Jesus com os discípulos. Quando lemos o Evangelho de S. Marcos, parece que Jesus “não sabe estar sem ser com os discípulos”... Este facto mostra a importância deste chamamento logo no início do Evangelho, sem ter havido qualquer preparação.

3. MEDITAR A PALAVRA

João Baptista tinha sido preso e Jesus foi para a Galileia a proclamar o Evangelho de Deus. Este começo do anúncio do Evangelho é tão importante que João Paulo II o colocou na meditação do 3º mistério do Terço dos chamados Mistérios Luminosos. Em que consiste este anúncio do Evangelho de Deus?

1. *Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo*: O Reino de Deus tem a ver com o tempo. É, portanto, uma realidade histórica e não uma doutrina abstracta. Houve um tempo antes, que está a terminar, e um tempo actual que constitui um começo novo. As primeiras palavras de Jesus no Evangelho de S. Marcos referem-se, pois, a um novo período da história que é inaugurado com a Sua presença. Se Jesus está presente, começa o Reino de Deus.

2. *Arrependei-vos e acreditai no Evangelho*: A primeira atitude que Jesus propõe é a do arrependimento. A forma que aparece no texto é um imperativo presente que, no grego, indica continuidade; e o significado do verbo é “mudar de opinião, de pensamento e mentalidade”; é “arrepender-se, converter-se ou voltar atrás”. Em qualquer caso, o que Jesus exige é uma mudança de vida, não apenas num momento, mas de forma continuada: é preciso mudar e continuar sempre a mudar.

No Evangelho de S. Marcos, este mesmo verbo só volta a aparecer mais uma vez e também tem a ver com o envio dos Doze em missão: Mc 6,12: “Eles partiram e *pregaram o arrependimento*”. Quer dizer que a mudança de vida exigida pela proximidade do Reino de Deus está ligada à acção de Jesus e daqueles que Ele escolhe para O seguir.

3. *Passando...viu*: Jesus está em movimento; Ele passa junto das pessoas e vê onde elas estão e o que fazem. O *ver* de Jesus não é apenas “passar os olhos sobre as coisas ou as pessoas”, mas é *fixar-se* nelas e prestar atenção.

4. *Vinde comigo...*: Só quem fixa o olhar na pessoa é que lhe pode dizer para o seguir, partilhar a sua vida e fazer uma proposta nova. Este convite é o momento da viragem, da transformação da vida daqueles pescadores. Doravante, serão “pescadores de homens”... O que é isto? Pescar homens? Para quê e com o quê? Tinham os barcos e as redes que serviam para pescar peixes... Sabiam usá-las... Tinham procedimentos técnicos que, às vezes resultavam, outras vezes não davam para nada. Sempre assim foi a vida dos pescadores: umas vezes ganhavam para aquele dia e até sobrava, outras vezes não apanhavam nada. Destas coisas sabe quem anda no mar... Também

sabiam Simão e André, Tiago e João... Mas, pescar homens? Que proposta é esta?

5. *Deixaram o barco e as redes e partiram com Ele.* Que grande surpresa! Pedro e André deixaram logo as redes; Tiago e João deixaram também seu pai e os assalariados, quer dizer, a sua pequena empresa, e partiram com Ele. É extraordinário: deixaram a família e o emprego para se meterem não se sabe bem em quê... A única coisa segura, em quem eles confiam, é na pessoa que os chama e lhes diz que é preciso mudar de vida.

A Bíblia relata outros chamamentos onde aquele que é chamado contrapõe uma série de objecções e só quando Deus dá a garantia de que tudo isso será ultrapassado é que o chamado responde ao chamamento. Neste chamamento dos discípulos de Jesus nem sequer há lugar para conversas ou esclarecimentos.... Também não são pedidos!... Simplesmente, *deixaram tudo e partiram com Ele.*

4. A PALAVRA ILUMINA A NOSSA VIDA

O início da pregação de Jesus dá-se a seguir à prisão de João Baptista. As coisas não estavam, portanto, fáceis, e o ambiente deveria ser tenso. Precisamente neste contexto Jesus vem dizer que “o tempo se completou e o Reino de Deus está próximo”. Parece que os momentos de crise até são propícios à apresentação de propostas novas...

1. Dada a ligação que existia entre João Baptista e Jesus, seria de esperar alguma cautela da parte de Jesus: deixar passar algum tempo... Esperar que as coisas acalmassem um pouco... E então, depois sim, estariam reunidas melhores condições... Só que, Jesus não espera e entra imediatamente em acção: corre riscos, pode acontecer-lhe o que aconteceu a João e assim ser travado todo o processo,... Mas Jesus não fica parado e lança-se na acção. Será que nós também manifestamos esta coragem ou temos mais a tendência para esperar e reunir sempre melhores condições? Não se pode estar sempre à

espera porque o tempo esgota-se... É o que Jesus transmite quando diz: “completou-se o tempo”...

2. Jesus propõe o ‘arrependimento’, a mudança de mentalidade e de vida, o olhar para trás para recomeçar de outra maneira. Esta linguagem situa-nos muito na esfera religiosa e há muita gente que rejeita este vocabulário porque ‘está noutra onda’. Mas é curioso que é precisamente isto que alguns responsáveis políticos, dos mais bem informados, nos vão dizendo: é preciso mudar de vida, de hábitos de consumo, é preciso poupar porque o País está mal e do resto do mundo também não há notícias animadoras. Então parece que se impõe mesmo uma mudança... E o que é que nós estamos a fazer? Já fomos capazes de cortar nalgumas coisas, de abrir os olhos e ver a situação das pessoas? Temos consciência de que, verdadeiramente, a mudança depende de nós? E não pode tratar-se só de gestos isolados?... A mudança tem que ser continuada.

3. *Passando...* Jesus está em movimento contínuo. Uma das características de Jesus no Evangelho de S. Marcos é a de quem não pode estar parado. E nós? Não será que nos acomodamos facilmente deixando ‘passar a caravana’ e nós a ver?

4. *O chamamento*: Porque está em movimento, Jesus chama a ir com Ele: *vinde comigo*. Não se dirige àqueles homens para lhes dizer o que devem fazer. Não dá nenhuma lição, simplesmente os manda segui-l’O. E eles deixaram tudo e seguiram-n’O. Porque será que isto nos surpreende? Qual seria a nossa resposta se nos encontrássemos numa situação semelhante? Já alguma vez ouvimos o apelo de Jesus para O seguir ou continuamos a pensar que isto é só para outros?

5. ORAÇÃO

Cada um é convidado a partilhar com todos as respostas a estas perguntas que podem ser dadas em estilo de oração. Concluir com o Pai Nosso.

TEMA 2

JESUS FALA E ACTUA COM AUTORIDADE

1. ORAÇÃO

Ao começar este nosso encontro com a Palavra, com a tua Palavra, precisamos, Senhor, que nos ilumines com o teu Espírito, para nos fazer perceber o que a Palavra escutada tem a ver com a nossa vida pessoal e com a vida da nossa comunidade. Faz-nos serenar para escutar, silenciar os demónios que nos perturbam a toda a hora, para nos apresentarmos livres de “defesas” diante da tua Palavra. Tudo isto te pedimos por meio de Teu Filho Jesus na unidade do Espírito Santo. Amen.

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 1, 21-28**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

Estamos muito no começo do Evangelho de S. Marcos. Podemos dizer que estamos no primeiro dia da actividade de Jesus como anunciador do Reino de Deus que já está presente. Jesus não anda sozinho mas acompanhado, diz o Evangelista que “entraram” em Cafarnaum, ou seja, Ele com os seus discípulos que tinha chamado algum tempo antes. Todo o dia é visto como andando no caminho: entra em Cafarnaum, vai à Sinagoga e sai da Sinagoga para ir ao encontro da sogra de Simão (v. 29) e vai ser assim ao longo do Evangelho. A

imagem do caminho é utilizada para fazer perceber que Jesus incarna no meio dos homens, aproxima-se deles, para humanizar, transformar e restituir a dignidade. Não se limita a falar à distância, não manda recados, mas vai aos lugares onde se encontram as pessoas. Por isso os lugares são também importantes no Evangelho. Agora Cafarnaum e a Sinagoga, e depois o mar, a praça, a casa, a porta da cidade. A pregação de Jesus é localizada e não distante, abstracta; é dirigida a pessoas concretas, em lugares concretos, ou seja, em situações concretas da vida.

Estamos em Cafarnaum, cidade junto ao mar da Galileia e que Jesus escolhera para sua residência habitual. É sábado e a gente vai à Sinagoga para rezar e para escutar a leitura e a explicação da Palavra de Deus feita pelos rabinos ou chefes da Sinagoga. Jesus vai também à Sinagoga tal como os outros. Diz a Palavra que “Jesus começou a ensinar”. Seguramente terá sido convidado pelo chefe da Sinagoga a fazer ele a explicação ou “homilia”, se quisermos, e Jesus não se fez rogado, pois Ele veio para anunciar o Reino de Deus com a sua Palavra. Parece ser esta mesma a finalidade da sua ida à Sinagoga. Não foi como um simples ouvinte ou orante, mas o movimento da frase acentua a intenção da sua ida: ensinar. E na frase seguinte mais se acentua esta finalidade, pois duas vezes aparece a referência ao ensino Jesus, reforçando-se particularmente a qualidade do seu ensino. Os presentes “maravilhavam-se” com o ensino: achavam-no totalmente distinto do praticado pelos mestres da sinagoga. Ensinava como quem tem autoridade, ou seja, a sua palavra reflecte um peso, um sentido dado pela sua pessoa que não se via nos doutores da Lei, que eram enfadonhos nas suas homilias. Eram simples repetidores de interpretações de mestres do passado, o que fazia com a palavra proclamada ficasse praticamente eclipsada ou mesmo inutilizada na sua eficácia. Jesus, ao contrário, faz a palavra mostrar todo o seu poder.

O episódio do homem possesso do espírito maligno é a prova da eficácia da sua palavra. Este também fora à sinagoga com os outros, mas a sua vida estava destruída por alguma doença ou por algum comportamento incómodo socialmente. Tais situações na altura atribuíam-se ao demónio; a medicina não

conhecia outras explicações para estes fenómenos. Rigorosamente este homem, dada a sua doença, nem sequer poderia estar presente na sinagoga. Porque não se deram conta disso os responsáveis da sinagoga? Estavam assim distraídos que não conheciam os frequentadores do culto? Certamente que não. Mas o Evangelista coloca o possesso aqui para mostrar a eficácia da sua Palavra. Não só ensina, mas liberta, cura, faz recuperar a dignidade perdida. E isto é uma grande novidade. Tal não conseguiam fazer os doutores da lei. Jesus é imperioso: “cala-te e sai desse homem” – diz Jesus ao demónio, ou seja, ao mal que condicionava a vida deste homem. Perante isto, diz toda a gente admirada: “Que é isto? Eis um novo ensinamento, e feito com tal autoridade que até manda nos espíritos malignos e eles obedecem-lhe”.

Não esqueçamos que foi no lugar de culto ordinário dos judeus, dedicado à escuta semanal da Palavra – era sábado aquele dia – que Jesus dá início ao seu ensino e actua com autoridade, ou seja, a sua Palavra tem o poder de eliminar o mal que afecta a vida dos homens. Acaba por dar ao sábado um sentido novo. Fazer o que Jesus fez ao sábado – curar alguém – era um escândalo e uma transgressão da Lei. Mas Jesus não se importa com isso: a sua missão é proclamar bem alto uma Palavra de salvação. Em primeiro estão as pessoas e depois o cumprimento das leis.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

Vamos aprofundar dois aspectos que não nos podem deixar indiferentes.

1. *Em primeiro lugar, a importância da sinagoga.* Aí devia acorrer todos os sábados o fiel judeu para dar cumprimento à Lei, ou seja, para se ocupar da Palavra de Deus. Devia deixar todos os trabalhos, nem sequer podia fazer comida, para estar totalmente livre para a sinagoga. Aí se transmitiam as suas “tradições dos antigos” (cf. Mc. 7,3). O modo como isso era feito, deixava o povo insatisfeito, pois os escribas e os doutores da Lei não tocavam o coração

das pessoas. Eram tão formalistas e entretinham-se em debates estéreis que cansavam quem ia para escutar a Palavra de Deus e rezar.

Jesus entra neste lugar e acrescenta-lhe um espírito novo. E as pessoas logo se dão conta disso. “Uma doutrina nova!”, ou seja, Jesus fala com autoridade própria e não por ter ouvido de outros. Impõe-se com o seu modo de agir; põe a descoberto aquilo que outros, apesar de tanto estudo, não tinham conseguido captar. Trata-se, pois, de um contraste fatal: enquanto os doutores da lei não viam senão tradições e interpretações, Jesus atende a situação das pessoas concretas ali presentes. E deste modo dá ao sábado o seu sentido original, ou seja, o sábado devia ser acima de tudo, uma ocasião de “humanização” libertadora, de recuperação da dignidade pessoal.

Satanás ou o demónio logo o percebeu. Por isso, logo se lançou a gritar com todas as forças. O seu reinado, ou seja, o espírito opressor da sinagoga e do sábado tinha chegado ao fim com a pessoa e a palavra de Jesus.

2. *Em segundo lugar, a intervenção de Jesus.* Jesus não se limita a “engolir” este estado de coisas. Jesus actua com autoridade e isto mexe com o espírito instalado, aqui representado por Satanás ou Demónio. O primeiro a percebê-lo foi precisamente o demónio que vê o seu reino ameaçado. As suas palavras dirigidas a Jesus podem ser interpretadas assim: “Não me desalojes, não me perturbes; és um desastre para nós; mete-te nas coisas do Teu Deus, visto que és o “Santo Deus”. E Jesus retira-lhe a palavra, com autoridade: “Cala-te, sai desse homem”. Mas ao mesmo tempo, estas palavras são dirigidas à multidão que reconhece a nova autoridade, porque Ele dá ordens a um sistema religioso que está incapaz de comunicar vida.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

1. *O novo sistema religioso.* Nós, tal como os judeus, também temos a obrigação da Eucaristia dominical. O domingo para os cristãos é o Dia do Senhor Ressuscitado. Reunimo-nos para O escutar e para alimentar a nossa vida com a sua Palavra e a sua pessoa presente na Eucaristia. Uma primeira

pergunta se impõe: como é a Eucaristia para mim? Uma obrigação que se cumpre ou um momento libertador e humanizador da minha vida?

O fiel judeu tinha o sábado disponível totalmente para ir à sinagoga. E eu? Não deixarei por “dá cá aquela palha” a Eucaristia? Festas, televisão, passeios, trabalho, não serão demónios que não me deixam libertar?

2. *A actuação de Jesus*. É notório que Ele não descansa um momento neste seu primeiro dia de actividade. Tinha a preocupação de chegar a todas as pessoas que se sentiam escravizadas. Fáz-lo na sinagoga, como na casa de Pedro, como à porta da cidade. Levou a mensagem do Reino e a cura das doenças, - que podem ser egoísmo, comodismo, auto-suficiência, procura de prestígio e dinheiro, como o essencial da vida. Como é a minha vida de cristão? Preocupo-me com os outros ou só penso na minha comodidade, no meu trabalho e no meu prazer?

5. ORAÇÃO

A Palavra escutada e meditada deve provocar no nosso coração o desejo de falar com Deus, de exprimir sentimentos, de louvar o Senhor pela sua bondade e de fazer súplicas para vencermos os demónios que estão em nós “aninhados” e que não nos querem abandonar.

Podemos rezar deste modo:

- Senhor Jesus, vós tendes um coração cheio de ternura e atenção, ensinai a aproximar-nos uns dos outros sem formalismos, a oferecermos a nossa mão para que os doentes e os marginalizados possam participar da alegria que vai dentro de nós.
- Senhor Jesus, vós libertais a prática religiosa do vazio e da rigidez. Demasiadas vezes nós tememos que as Vossas exigências nos estraguem a vida, querendo ficar acomodados aos nossos hábitos religiosos.

- Senhor Jesus, mais que com as palavras, vós sois mestre de uma nova doutrina ao praticardes a libertação e a fraternidade. Arranca de nós as falsas seguranças, os preconceitos e a pouca vontade de te conhecer melhor e assim te anunciar
- Outras orações espontâneas... e terminar com o PAI NOSSO

TEMA 3

SEGUIR JESUS PARA ENTRAR NO REINO

1. ORAÇÃO

Os nossos procedimentos de conversão, Senhor, são umas vezes em velocidade lenta, outras vezes parados e outras em marcha-atrás. Exageramos no nosso farisaísmo de repetidores incorrigíveis de ritos, de fazedores de actos religiosos sem alma, em que impera o alheamento e a ausência de convicções profundas. Conforme a leitura que vamos proclamar, Mateus, quando ouviu o chamamento, imediatamente deixou o ofício com que preenchia o seu tempo e o lugar em que exercia o seu ofício. O convite de Jesus “*Segue-me*” – foi o detonador. “*Deixar*” – foi o segredo do sucesso. Deixar é uma acção dificilmente compreendida por nós, agarrados que estamos a tantos lugares de trabalho, de ocupação útil, de lazer e descanso, de interesses diversos que nos estorvam a capacidade de sermos desprendidos e generosos! Senhor, dá-nos entendimento e força para admitirmos, ao menos como princípio, que precisamos de deixar muita coisa, a fim de seguirmos Jesus e assim entrarmos no reino de Deus. Amen.

2. LEITURA DA PALAVRA

Proclamação: **Mc 2, 13-17**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

O texto refere o chamamento de Mateus a ser apóstolo; e também o alcance doutrinal que esse chamamento encerra. Todo o segundo capítulo do evangelho de S. Marcos, do qual se retirou a perícopa acabada de proclamar, nos comprova que seguir Jesus, como fez Mateus, é entrar na voragem atraente do novo reino anunciado, o reino de Deus. Nos versículos anteriores ao texto proclamado, assistimos à cura física e à cura espiritual de um paralisado descido por cordas em Cafarnaum; e, nos versículos posteriores, assistimos a dois diálogos acesos entre Jesus e os fariseus, em que Jesus responde a questões sobre a severa observância do jejum cultivada pelos fariseus, e sobre o cumprimento ritualista dos preceitos ligados ao sábado, – valores muito inferiores em comparação com o valor pessoal e livre dos que abraçavam o convite de Jesus. Para se *entrar no reino de Deus*, os procedimentos hão-de ser os de Cristo e não os da ideologia e prática farisaicas. No texto proclamado verificamos três momentos distintos.

Primeiro momento: o chamamento de Mateus.

Jesus caminha nas margens do lago da Galileia acompanhado de muitos que O seguiam e a quem Ele ensinava. Vendo Mateus sentado no seu posto de trabalho, chama-o. Este imediatamente deixou o seu ofício e juntou-se ao grupo dos discípulos. De facto, a eleição de Mateus para apóstolo causou estranheza; e, como se isso fosse pouco, esta eleição foi mais tarde celebrada com um banquete para o qual foi convidado Jesus e os apóstolos e também uma quantidade apreciável de antigos amigos e colegas de profissão – gente pouco recomendável, na opinião generalizada.

Segundo momento: o escândalo do banquete.

Jesus, proclamando o Reino, não usava o título de *Messias* e até proibía que o dissessem. Mas *era um Mestre* e, como tal, devia obedecer a determinados cânones, entre os quais o de se não misturar com pecadores públicos! Porque circulava entre os rabinos a proibição ritual de comer com tal gente, gerou-se grande escândalo entre os fariseus, e a má-língua não se fez esperar. Assim se

compreende que os fariseus tenham lançado à cara de Jesus essa observação. Se só os saudasse, se só lhes falasse, vá que não vá; mas comer com eles, era demais! Jesus, aceitando um banquete de publicanos, descia o último degrau na consideração social, até porque uma refeição é um acto social que só se celebra entre os que se têm por amigos. Os fariseus nem se atrevem a entrar na sala do banquete: seria contaminar-se se se misturassem com os pecadores. De junto da porta é que censuram os discípulos por o seu Mestre comer com os publicanos.

Terceiro momento: a doutrina.

Jesus ouve todo aquele arrazoado e, longe de se desculpar, eleva o seu comportamento a doutrina: «não são os que *têm saúde* que precisam de médico, mas sim os doentes; Eu não vim chamar os *justos*, mas os pecadores». Para os fariseus, esta resposta pareceu-lhes absurda. Sentiram-se feridos e ridicularizados com as expressões «*os que têm saúde*» e «*os justos*» – que eles aplicaram a si próprios, pois se consideravam os únicos capazes de pertencer ao Reino de Deus. Jesus dizer que não veio para eles (considerando-os fora do Reino) mas para os pecadores, foi declarar-lhes guerra aberta. E aqui está a doutrina inesperada: no coração e nas palavras de Jesus cabem todos os que aceitam segui-l’O, sem excepção; mas cabem especialmente os que, por maiores pecadores que tenham sido, estão predispostos a mudar o seu estilo de vida e decidem entrar nos planos da salvação.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

A sentença de Jesus sobre *os que têm necessidade de médico* é uma pequena parábola com a qual responde às críticas farisaicas sobre a admissão de pecadores no Reino. Nós próprios, ainda hoje, temos uma forma de raciocinar muito semelhante: achamos que o Reino há-de ser constituído por gente «santa» e não por pecadores. Ou melhor: achamos que o reino de Deus é nosso, é para nós, e dele queremos ver afastados os que não são exteriormente

tão santos e tão cumpridores como nós. E isso já nem é novidade. Fazer distinção de pessoas sempre foi prática corrente. Já o próprio S. Pedro, cuja matriz era judaica, teve receio dos judaizantes ao sentar-se à mesa com cristãos procedentes do paganismo, conforme nos conta S. Lucas em *Actos* 11,3 e S. Paulo em *Gálatas* 2,12. Então, não nos admiremos da fina ironia de Jesus contra os fariseus de antigamente e contra uma certa mentalidade cristã actual que é mais farisaica que cristã!

Fixemos que o chamamento feito por Jesus a Mateus não tem em conta o seu passado de publicano e de pecador. Mas fixemos também que, de todos os chamamentos feitos, o de Mateus é o que mais deu nas vistas por não se enquadrar nos moldes dos chamamentos feitos aos restantes apóstolos. Mateus praticara o mais sujo dos ofícios, o de publicano, que não supunha apenas sacar dinheiro aos compatriotas (e com não pequena usura) mas incluía ainda ter-se vendido aos pagãos na medida em que ajudava a encher os cofres dos romanos com o suor do povo escolhido. É fácil imaginar a inicial repulsa com que os outros apóstolos receberam nas suas fileiras este recém-convertido. Mas sabemos que, apesar da estranheza, imediatamente foi aceite e bem aceite porque todos se aperceberam da existência de um mistério na figura de Mateus: o seu ofício não encaixava com o testemunho da sua alma. E a sua alma era muito maior que o seu ofício. Jesus gosta dos pecadores que se arrependem! No caso de Mateus, bastou um simples convite para que abandonasse tudo e O seguisse.

A vocação de Mateus foi recolhida com interesse pela tradição primitiva e conservada nos três sinópticos (ver Mateus 9, 9-13 e Lucas 5, 27-32). Deve ter sido bastante ruidosa por se tratar de um cobrador de impostos, um caso análogo ao de Zaqueu, igualmente publicano e rico pelo mesmo procedimento de extorsão (cf. Lc 19, 1-8). Além disso ninguém acreditava que qualquer publicano se convertesse, a não ser em caso de desespero! Fosse como fosse, o banquete oferecido a Cristo foi um sinal de homenagem, de gratidão e valentia. As consequências de maior visibilidade resumem-se à opção radical de Mateus. Deixou tudo e seguiu-O! O critério para seguir Jesus e pertencer ao

Reino de Deus *não é parecer justo e bom* aos olhos de todos, mas estar disponível e comprometido com a vocação de cristão, após uma autêntica conversão.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

O Reino de Deus é uma nova ordem de coisas. É uma nova vida implantada no meio dos reinos dos homens. Não é um lugar em que Deus reina sozinho ou onde reinam os seus representantes. Não é algo simplesmente jurídico, externo, sustentado por leis humanas que obriguem a crer. É muito mais. Implica uma mudança profunda em cada homem, não só *no seu modo de viver*, mas essencialmente *no seu modo de ser*. Presume umas raízes novas, uma nova orientação, uma nova história.

Jesus pregou algo subversivo, algo revolucionário, porque veio destruir toda uma ordem de valores nos quais faltava a dimensão da caridade e anunciou outra totalmente nova assente na generosidade total. – Que abrangia esta revolução? Abrangia tudo: o interior e o exterior, o espiritual e o mundano, o indivíduo e a comunidade, este mundo e o outro.

– Pertencemos, em verdade, a este Reino? Como e em quê manifestamos essa pertença?

Assumindo como nossos os factos contados no texto evangélico e as circunstâncias em que esses factos se deram, bem podemos agora concluir sobre alguns ensinamentos práticos para a vida. São eles:

- Tal como a Mateus, também Jesus nos convida a segui-l’O radical e incondicionalmente.
- A misericórdia deve exercer-se em favor de todos, sobretudo dos mais desprezados da sociedade.
- A pertença ao seu reino é proporcional à nossa capacidade de deixar o pecado e, simultaneamente, à nossa entrega à novidade do seu banquete, onde se não faz acepção de pessoas.

- Perante os gestos do amor de Deus, é indispensável que sejamos gratos.
- A melhor forma de entrar em contacto com Jesus é a familiar leitura e vivência do Evangelho.
 - Orientamo-nos por estes ensinamentos?

5. ORAÇÃO

Senhor Jesus, somos uma pequena porção do povo de Deus e estamos convencidos da nossa pertença ao Reino. Naturalmente tudo nos correu de feição. Quando éramos bebês, fomos baptizados catolicamente; em ambiente de família cristã, tivemos as primeiras manifestações de fé; na catequese, criámos laços de simpatia com Jesus e celebrámos festivamente a primeira comunhão. O diploma deu-nos foros de cidadania do céu! Depois houve crises de fé e de esperança, tivemos possibilidades de escolher a missa ou outros programas convidativos, de escolher fazer o bem ou o mal, e até de escolher parecer exteriormente uma coisa, sendo, por dentro, outra totalmente diferente. Apesar de todas as tropelias, continuamos convencidos de que o reino de Deus é uma aquisição nossa... mesmo sem nos darmos conta de que ainda não tivemos a ousadia de dar uma resposta pronta ao «*segue-Me*» pronunciado por Jesus! Senhor, alerta-nos para esta realidade e denuncia a nossa hipocrisia!

Pai nosso...

TEMA 4

A NOVA FAMÍLIA DE JESUS

1. ORAÇÃO

Reunimo-nos, uma vez mais, Senhor, em Teu nome, para escutar a Tua Palavra. Começamos por invocar o Espírito Santo para que ilumine o nosso coração a fim de podermos conhecer a Tua vontade e assim nos tornarmos cada vez mais da Tua Casa, teus “familiares” mais próximos. Tudo isto Te pedimos por meio de Teu Filho Jesus na unidade do Espírito Santo. Ámen.

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 3, 31-35**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

Acabámos de escutar esta página do Evangelho de S. Marcos e para a podermos compreender teremos que a relacionar com os versículos anteriores. O contexto é realmente de grande tensão e de ruptura com a tradição vigente. O conflito começa a crescer e envolve vários grupos de pessoas:

Por um lado, os próprios parentes de Jesus, que acham que Ele ficou louco (Cf. Mc 3,20-21), devido à multidão que o acompanha. E porque O julgavam assim? Porque naquele tempo o modelo tradicional de família estava em crise. Se no antigo Israel o clã, isto é, a grande família (a comunidade), era a base da convivência social e a forma concreta do povo daquela época encarnar o amor

de Deus no amor ao próximo, no tempo de Jesus esta experiência de comunidade praticamente não existia, pois as preocupações com os problemas da própria família impediam as pessoas de se unirem em comunidade. Mas para que o Reino de Deus pudesse manifestar-se na convivência comunitária do povo, as pessoas teriam de ultrapassar os limites estreitos da pequena família e abrir-se, novamente, à grande família. A intenção de Jesus era precisamente esta: as famílias não deveriam fechar-se nelas mesmas, mas criarem, sim, comunidade. Os familiares, porém, não percebiam muito bem esta intenção de Jesus. Por isso, decidem assumir o controle da situação e impedi-lo de prosseguir com a sua missão.

Por outro lado, os escribas, que tinham vindo de Jerusalém, acham que Ele está possesso (Cf. Mc 3,22), acusando-o de ser agente de Satanás, por influência do qual expulsa os demônios.

Fixemo-nos então nos principais momentos do texto:

- *Os familiares de Jesus*” (vers. 31): Jesus encontra-se em Cafarnaum a falar à multidão quando, entretanto, chega, provavelmente de Nazaré, a sua mãe e restantes familiares, que manifestam vontade de falar com Ele. Não entram, mas enviam recado. Ficam *do lado de fora*...

O texto refere-se a “irmãos”. Ora, o termo hebraico para indicar “irmão”, quando traduzido na língua grega, pode significar irmão de sangue, primo, parente e até mesmo conterrâneo (Cf. Gn 13,8; 14,16; 29,12.15;37,16; Lc 10,4). Estes “irmãos” de Jesus eram, pois, os seus familiares ou parentes mais próximos.

- *Os que O escutavam* (vers. 32.34): A multidão que acompanha Jesus é composta por gente proveniente de todo o Israel e de outros territórios vizinhos. Estão sentados *à volta d’Ele* em atitude de acolhimento, atenção, disponibilidade, escutando a sua palavra. Encontram-se *dentro de casa*...

- *A “mãe e os irmãos”* (vers. 33): Após ter sido avisado da chegada da mãe e restantes parentes, Jesus reage assim, de modo firme: “*Quem são minha mãe*

e meus irmãos?” E Ele mesmo responde apontando para a multidão que estava ao redor: *“Aí estão minha mãe e meus irmãos”*.

Segundo o evangelista, Jesus não nega os laços familiares que O unem à sua mãe e aos seus parentes, mas propõe um novo modelo de relação baseado na fé, que se concretiza no cumprimento da vontade de Deus.

- *A nova família é quem cumpre a vontade de Deus* (vers. 35): *“Aquele que faz a vontade de Deus, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe”*. Tal como Jesus pretende deixar bem claro, os laços de parentesco não são mais fortes que os laços espirituais que geram uma nova família, onde o “vínculo” deste novo parentesco é a descoberta e cumprimento da vontade de Deus.

O texto pede, pois, duas leituras complementares: Primeiro, a afirmação da liberdade de Jesus em relação à família natural por motivo da escuta da Palavra e do cumprimento da vontade de Deus. Depois, a integração do modelo de família na nova comunidade, formada por pessoas de diversas origens e culturas. Jesus, ao levantar a questão sobre quem são os seus parentes, declara que essa condição não é fruto da carne e do sangue, mas da escuta e realização da sua Palavra. Os discípulos, que O escutam, abrem-se à comunhão com Ele, que é superior à que acontece pelos laços de consanguinidade.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

Vamos aprofundar agora três aspectos que nos ajudam a interiorizar melhor o texto que escutamos:

1. *A importância e centralidade da Palavra:* Jesus é a Palavra. Quem a acolhe, torna-se, n’Ele, filho do Pai. O verdadeiro filho, “senta-se à volta” num gesto de quem se dispõe a acolher, a ouvir, a aceitar. Neste sentido, o “estar sentado” equivale a estar disposto a acolher Jesus; a aderir a Ele e à vontade do Pai, tal como Ele mesmo o fez. De facto, é a escuta da Palavra e a busca e realização da vontade de Deus.

A decisão de seguir Jesus é uma opção pessoal, mas tem como consequência a integração no grupo daqueles que O escutam. Quem segue a Cristo torna-se, portanto, membro de uma nova família alargada e unida não por laços de sangue, mas de fé e de missão. Quem não se dispõe a segui-l’O e aceitar a vontade de Deus pertence ao grupo dos que ficam “do lado de fora”, ou seja, à margem e não em comunhão com Ele.

A figura da Mãe de Jesus não é aqui menosprezada, uma vez que também ela pertence, por excelência, a esta nova família, pois a própria foi, enquanto primeira discípula, modelo de escuta e cumprimento da vontade de Deus (Cf. Lc 1.38.45; 2,19.51) e impulsionadora desse mesmo cumprimento (Cf. Jo 2,5).

2. *O cumprimento da vontade de Deus* é, de facto, a origem, o centro de convergência e o fundamento desta nova família reunida em redor de Jesus. Desde a sua vinda ao mundo ("Eis que venho para fazer a tua vontade" -Hb 10,7.9), até à sua consumação total ("Apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obediência por aquilo que sofreu"-Hb 5,8). A sua vida é uma constante adesão à vontade do Pai: “*O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou*” (Jo 4,34; Cf. Jo 5,30; 6,38-40).

Do mesmo modo, Jesus exige de todos os que se dispõem a segui-l’O igual atitude (Cf. Mt 10,37-39; 16,24ss; Lc 9,57-62). Na verdade, a escuta da Palavra gera a construção de uma comunidade de irmãos/ãs, cujo princípio e objectivo central é o amor recíproco, particularmente para com os “irmãos mais pequeninos” (Cf. Mt 25,40.45). Portanto, ser família de Jesus significa comungar da Palavra que é Ele próprio, a qual, por sua vez, levará a uma nova forma de vida que se assemelhe e identifique com Ele, que veio para *fazer a vontade daquele que O enviou*.

3. *Sentir-se em casa e “ser da casa”* ...: Nos vers. 20-21 e 31-35 vemos que Jesus se encontra dentro de casa, os seus parentes do lado de fora e a multidão ao seu redor, ouvindo-O. Enquanto os mais próximos se afastam dos seus planos e missão (“Um profeta só é desprezado na sua pátria, entre os seus

parentes e em sua casa”- Mc 6,4), os mais distantes, pelo contrário, aproximam-se. Ora, aproximar-se da missão é encontrar-se *dentro da casa* e reconhecer em Jesus a presença do Reino de Deus. Participar da casa é participar do banquete da vida, da aproximação com o outro, num espaço de diálogo e compreensão. As pessoas capazes de compreender a missão de Jesus são as que fazem a experiência d’Ele. Jesus recusa-se a aceitar quem não aceita a sua missão! Estar sentado à sua volta é estar, portanto, atento aos seus ensinamentos, sentir-se seu familiar, ser pessoa da casa...

O evangelista Marcos deixa-nos claro aqui que o importante é realmente *entrar em casa* e conversar, dialogar e participar da vida com o(a) outro(a). Assim, a comunidade dos discípulos será a nova família que queremos formar. Não podemos ficar à margem, “do lado de fora” da *casa* (=comunidade), preocupados apenas com os problemas da nossa família de sangue. Há que construir Comunidade!

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

Que ensinamentos e conclusões podemos tirar deste episódio evangélico? Façamos agora uma avaliação da forma como nos confrontamos com a Palavra e como aderimos à vontade de Deus:

1. *Ser “familiar” de Jesus*: Ser irmão de Jesus não é, pois, questão de sangue, de mérito, mas de graça: aquele que fizer a vontade de Deus, esse é que é irmão, irmã e mãe de Jesus, porque se torna verdadeiramente “filho de Deus”, ou seja, seu familiar. É essa a grande maravilha realizada por Deus: fazer-nos seus “familiares”, isto é, membros da sua Casa, participantes da intimidade da sua Vida. Somos verdadeiramente família de Jesus se fizermos a vontade de Deus. Ele é, na verdade, fiel, e oferece-nos sempre o seu amor. E nós, como nos relacionamos com Ele? Do lado de fora ou *em casa*, ou seja, em comunidade, acolhendo-O com disponibilidade e abertura à sua Palavra?

2. *Cumprir a Vontade de Deus*: Jesus diz-nos que quem faz a sua vontade é que entra em comunhão com Ele. Interessa-nos realmente a vontade de Jesus, que é também a vontade do Pai? Que fazemos para a procurar?

Conhecer implica «fazer». Vivemos em coerência com a Palavra escutada?

Não é suficiente escutar a Palavra. É preciso guardá-la e pô-la em prática, como fez a Mãe de Jesus: «Eis a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a Tua Palavra» (Lc 1,38).

Escutar, em sentido bíblico, é compreender, acolher na vida, ir a Jesus; é acreditar, guardar no coração; é obedecer e fazer. A verdadeira escuta da Palavra realiza-se quando se ama, não por palavras, mas “com obras e em verdade” (1 Jo 3, 18).

Façamos, pois, o compromisso de escutarmos verdadeiramente a Palavra para melhor descobrirmos e sermos fiéis à vontade de Deus a nosso respeito.

5. ORAÇÃO

A Palavra que hoje escutámos e meditámos deve provocar em nós o desejo de nos unirmos mais a Jesus e de nos sentirmos seus “familiares mais próximos”. Podemos suplicar-lhe deste modo:

- Senhor Jesus, sem negares a tua família carnal nem menosprezares a tua Mãe, ensinas-me que a verdadeira união contigo se realiza não pelos laços do sangue, mas pela adesão à vontade do Pai.
- Faz-me, Senhor, compreender que a vontade do Pai é o melhor para mim e ajuda-me a cumpri-la fielmente, em todas as situações, cada dia da minha vida.
- Outras orações espontâneas... e terminar com a recitação do Salmo 39 (40) ou apenas com o cântico da antífona: “*Eu venho, Senhor, para fazer a Vossa Vontade*”.

TEMA 5

A FÉ NO MEIO DA TEMPESTADE

1. ORAÇÃO

Em nome do Pai e † do Filho e do Espírito Santo. Ámen.

Vinde, Espírito Santo, luz das nossas vidas, que de modo sublime inspirais os nossos corações para acolhermos a Palavra. Vinde sobre nós, e inspirai-nos com a verdadeira sabedoria da alma para que saibamos encontrar em Ti, Senhor, o consolo e o ânimo para a vida de cada dia.

Vinde, Espírito Santo, assisti-nos com a Vossa graça para fazermos com devoção este tempo de oração.

Assisti-nos, Senhor, em cada circunstância da nossa vida. Na verdade, Senhor, a vida é feita de momentos calmos e de momentos atribulados. É certo que gostaríamos de encontrar sempre sereno o caminho das nossas vidas. Todavia, também há muitos momentos em que nos lançamos e sentimos enviados em alto mar, sentimo-nos vulneráveis aos açoites das ondas de cada problema e amedrontamo-nos com a incerteza da segurança que procuramos. Nesses momentos voltamo-nos para Ti e buscamos em Ti a segurança e a serenidade para as nossas vidas, embora em muitas das ocasiões nos pareça que estás silencioso, ausente ou adormecido na Tua transcendência.

Apesar das tempestades da nossa vida e dos momentos de desânimo, voltamos o nosso rosto para Ti e, através da Tua Palavra, queremos compreender a forma como Te fazes presente no meio de nós, como navegas no nosso barco e como te revelas aquele a quem o vento e o mar da vida obedecem! Glória Te seja dada por todos os séculos dos séculos. Amen.

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 4, 35-41**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registrará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

Olhando para o percurso de Jesus desde o início da narração evangélica de S. Marcos conseguimos perceber como Jesus não cessa de procurar cumprir a sua missão, numa intensíssima actividade.

A leitura evangélica que fizemos vem no seguimento de um dia dedicado por Jesus ao ensinamento da multidão. Durante todo esse dia Jesus esteve sentado no barco fundeado junto à margem do lago de Tiberíades, atentamente escutado por todos quantos se encantavam com as suas palavras e testemunhavam os seus milagres. É precisamente ao anoitecer desse dia que Jesus termina a sua pregação e lança um novo desafio aos discípulos: passar para a outra margem do mar. Tudo parece demasiado simples e fácil e não há qualquer resistência da parte dos discípulos em seguirem a voz e a instrução do mestre.

O que parecia ser uma simples viagem converteu-se num enorme desafio. O inesperado surgiu, pois enquanto o barco navegava para a outra margem do lago levantou-se uma enorme tempestade e o mar ficou agitado, isto porque devido ao cruzamento dos ventos do mediterrâneo e do deserto, o lago de Tiberíades é muito propenso a tempestades e foi precisamente uma tempestade destas que se desencadeou.

Jesus vai na barca, mas a sua atitude passiva surpreende inesperadamente os discípulos. Eles acordam o mestre, assustados por as ondas estarem a violentar o barco e, inclusive, a entrar água na embarcação. É importante sublinhar que o turbilhão das águas não causa preocupação em Jesus. Ele está descansado e

permanece adormecido à popa do barco, o lugar onde se sente mais a violência do mar, até ao momento em que os discípulos o acordam.

Ao acordar, Jesus fala imperativamente ao mar e acalma-o. Diante deste fenómeno, os discípulos ficam atemorizados. Agora o temor já não é em relação à tempestade, mas sim em relação à pessoas de Jesus Cristo. Aquele que parecia um simples Mestre a quem seguiam, revelava-se a cada instante como alguém diferente que até dominava os fenómenos naturais. Por isso, Jesus surpreende-os com a pergunta “ainda não tendes fé?”. Na verdade, o discípulo não se deve contagiar e iludir apenas com os milagres que Jesus opera, mas deve-se cativar pela própria pessoa de Jesus. Em suma, não são os milagres que Jesus opera que produzem a fé, mas a fé que, mediante a acção divina, alcança o milagre.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

Vamos aprofundar três aspectos que não nos podem deixar indiferentes.

1. *Jesus convida os discípulos a subirem para a barca e a partirem para a outra margem:* Como foi possível analisar, Jesus utiliza inicialmente a barca para se colocar e situar perante a multidão numa atitude de ensinamento e é a partir da barca (Mc. 4,1) que Jesus faz o seu discurso sobre as parábolas do Reino. Sendo a barca um lugar determinante, Jesus convida os seus discípulos a integrarem esta mesma barca, a fazerem parte deste novo ministério que está intimamente relacionado com a explicação do sentido da fé. A barca é a própria Igreja é chamada ao lugar do ensinamento e a participar na missão do próprio Cristo. Mas a missão não é fácil nem serena, porque nessa mesma barca a navegação faz-se com os desafios próprios da missão, sempre renovada com novas margens onde anunciar o Reino de Deus.

2. *A barca desloca-se sobre o mar:* O significado e simbolismo bíblico do mar está predominantemente ligado às potências adversas que têm que ser vencidas para que triunfe o desígnio de Deus. Quer no Antigo Testamento,

quer no Novo Testamento, é habitual encontrarmos o mar como lugar demoníaco. Em jeito de exemplificação, podemos recordar que Deus abre uma passagem no Mar Vermelho para que Israel passe a pé enxuto para a outra margem (Ex. 14-15); também o murmúrio das nações pagãs em revolta contra Deus é comparado aos rumores dos mares (Is. 5,30); e no Novo Testamento, precisamente na passagem seguinte à que estamos a analisar, (o possesso de Gerasa), assistimos aos porcos endemoninhados a serem precipitados no mar. O mar é, portanto, lugar oculto, incontrollável e desordenado no qual o ser humano descobre a sua vulnerabilidade. Todavia, embora o mar se revele agreste para com a barca, é de sublinhar que esta mantém o rumo com Jesus a dormir tranquilamente à popa.

3. *Jesus domina o mar*: A vitória sobre o mar é um atributo divino. O homem não tem poder sobre o mar e, diante da sua imensidão, confronta-se com a sua limitação e vulnerabilidade. Todavia, Jesus não se amedronta com o mar. Para além de ir a repousar durante grande parte do trajecto, rapidamente altera a situação vivida pelos seus discípulos na barca onde iam. Enfrentando o mar, Jesus revela a sua condição divina. Não é qualquer homem que pode acalmar a violência do mar e os perigos que este implica, mas unicamente o homem-Deus, Jesus Cristo. Só Deus pode salvar o homem das forças adversas que o põem em perigo, aqui simbolizadas no mar. A fé é a condição essencial para que o discípulo não se deixe desfalecer diante da imensidão daquilo que o atemoriza e o põe em perigo.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

1. *A barca de Jesus*: Nós somos e fazemos parte da barca de Jesus. Por vezes podemos ter a tentação da auto-suficiência, do racionalismo ou da emancipação pessoal, ignorando que, afinal, estamos inseridos e navegamos na mesma barca em que Jesus vai. Será que temos consciência de que vamos na mesma barca de Jesus e de que Ele está presente na nossa vida? Para além disso, sabemos que a barca da nossa vida é muitas das vezes açoitada pelas

ondas das dificuldades, dos problemas e das tristezas. Como olho para essas ondas que me açoitam a vida? Limito-me a amedrontar-me com elas ou consigo entrever no meu horizonte o próprio Jesus que vai à popa do barco? Limito-me a observar Jesus que dorme, ou prefiro antecipar o momento em que Jesus tudo controla e a quem toda a criatura obedece?

2. *O mar, o vento e a tempestade*: Na nossa existência há muita tendência para circunscrevermos a vida aos momentos de tribulação ou de dor. Em determinadas alturas concentramo-nos tanto nas desgraças que nem conseguimos perceber e encontrar nelas e mediante elas a presença do próprio Cristo e a Sua acção libertadora. Todavia, Cristo também vai na barca, também sente a violência do mar, do vento e da tempestade; Ele vive connosco a situação de cada dia. De que modo é que eu olho para as dificuldades da minha vida? Quais são as tempestades, o vento ou o mar que neste momento concreto da minha existência me põem à prova?

3. *A Fé como resposta*: É comum encontrarmos variadíssimas pessoas que defendem que têm uma grande fé. É óbvio que a fé não se mede, não se pesa e não se quantifica, mas pode-se pôr à prova. A grande prova da Fé passa por fixar o olhar em Jesus, mesmo quando o nosso olhar quer centrar-se nas ondas. Nos momentos em que sou posto à prova, para quem olho fixamente? Para o problema ou para a solução? Qual é a solução para os meus problemas? Jesus Cristo faz parte dessa solução?

5. ORAÇÃO

Senhor Jesus, hoje a dinâmica do Evangelho coloca-nos na tua barca! Somos convidados por Ti a irmos até à outra margem. Navegar na Tua barca até à outra margem implica fazer sair dos nossos comodismos e aceitarmos os desafios. Sabemos que os desafios de cada dia não são fáceis e muito menos serenos. Temos consciência que a cada circunstância novas vagas se levantam e que, para lhes fazer frente, é necessária uma nova atitude crente. Ajuda-nos, Senhor Jesus, a agarrar a vida com determinação, a olhar os aspectos positivos

da vida e a sentirmos a tua presença constante. Não permitas que vacilemos ao constatarmos as dificuldades, mas conduz-nos à descoberta de que és Tu aquele a quem verdadeiramente o mar e os ventos da vida obedecem! Ámen.

No final todos abrem a Bíblia no Salmo 4 e recitam-no em conjunto.

TEMA 6

OS MILAGRES: – SINAIS PARA A FÉ

1. ORAÇÃO

Senhor, estamos de novo reunidos no teu nome e diante da tua palavra. Habitúamo-nos a escutar-te e a reconhecer que tu és a fonte de onde brota a verdadeira vida. Da palavra que nos comunicas nasce, cresce e se alimenta a nossa fé. Já não podemos viver senão na busca do encontro contigo porque de ti vem uma força que a todos nos toca, nos cura e nos salva. Hoje esperamos de novo tocar-te, esperamos aquela palavra que nos dá vida e nos salva das mortes que nos atingem e afastam de ti.

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 5, 21-43**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

O texto de Marcos que escutámos é um texto longo mas muito interessante. Ele está composto por dois acontecimentos entrelaçados um no outro: A cura da filha de Jairo, chefe da sinagoga e a cura da mulher que sofre de hemorragia. Estes dois milagres mostram como Jesus percorre um caminho com aqueles que dele se aproximam à espera de obter alguma coisa, algum milagre, a solução para algum problema. Neste caso os dois pretendem a cura de uma enfermidade.

O caminho de Jesus com cada um destes dois personagens é longo. O entrelaçado dos dois acontecimentos faz com que aumente o tempo entre o pedido e o milagre. A mulher vê como Jesus atende o pedido de Jairo e Jairo vê interrompido o caminho para a cura da sua filha, com o aparecimento da mulher. Há aqui um tempo de espera que pode tornar-se impaciência, desconforto, nervosismo porque é urgente a resposta de Jesus. No caso de Jairo, a filha está a morrer; no caso da mulher, já não há mais esperança nos conhecimentos dos homens. Aquela oportunidade não se pode perder, é única.

O tempo de espera é muito importante para os dois se desprenderem dos seus critérios e aderirem com total confiança a Jesus. Os dois têm que descobrir de forma clara e consciente que só em Jesus está a resposta para as suas vidas.

Vamos analisar os dois milagres em separado.

O texto da cura da mulher pode dividir-se em três partes: Começa com a descrição dos contornos da situação da mulher e do seu desejo de ser curada (5-25,26); Continua com a confirmação do objectivo de tocar em Jesus (5-27,29); e termina com Jesus a sentir que saiu dele uma força, procura a mulher, intervêm os discípulos, a mulher é descoberta e Jesus elogia a sua fé (5-30,34).

Vejamos: O texto diz-nos que Jesus, ao chegar de barco à outra margem do lago, é imediatamente rodeado pela multidão que permanecia na margem. Depois de aceder ao pedido do chefe da sinagoga, Jesus encaminha-se, rodeado pela multidão, até à casa de Jairo onde a filha está a morrer. Entre a multidão esconde-se uma mulher que traz consigo a intenção de tocar Jesus para ficar curada do mal que a atormenta há 12 anos e que os médicos não foram capazes de curar.

A sua doença não era apenas um sofrimento físico, era também um sofrimento espiritual e social. Esta mulher sofria de hemorragias e, por isso, era rejeitada pela sociedade porque era considerada impura na mentalidade da época. Perante este sofrimento, que a colocava fora do templo e do convívio com os outros, gastou tudo quanto tinha para poder restabelecer a sua saúde,

sem conseguir qualquer resultado. Já estava resignada quando ouve falar de Jesus e recupera a esperança na sua cura.

Apesar disso não tem coragem de enfrentar Jesus directamente, está à margem, esconde o seu problema para não ser rejeitada por todos. Entra dissimuladamente no meio da multidão, pretende fazer tudo em segredo, mas cheia de confiança. Quer apenas tocar Jesus e seguir o seu caminho.

Ao tocar Jesus vê-se imediatamente curada.

Naquele momento Jesus dá-se conta do que aconteceu e pára para ver quem lhe tocou. Aquele toque era distinto de todos os que se acotovelavam em volta de Jesus. A mulher aparece na sua timidez diante de Jesus. O que se passa a seguir é de grande importância para a mulher. Não basta que fique curada, é necessário que reconheça diante de todos a sua impureza e se apresente renovada graças ao poder de Jesus, para entrar de novo na comunhão com os outros e retomar a sua vida normal. A mulher perde o medo e confessa não só o seu mal mas também o seu esforço para alcançar a cura. Jesus elogia a sua fé e manifesta a todos que foi o poder de Deus que operou nela tão grande maravilha: “Foi a tua fé que te salvou”.

A cura da filha de Jairo pode dividir-se em quatro partes: Para além da introdução inicial em que Jairo pede a Jesus que vá curar a sua filha, temos os versículos 35 e 36 que nos mostram a demora de Jesus em chegar a casa do chefe da sinagoga. A casa estava distante e pelo caminho Jesus demorou-se a curar a mulher hemorrágica. A demora foi suficiente para que a menina morresse, mas necessária para mudar a atitude de Jairo diante de Jesus; Prepara-se a cena de cura, escolhem-se os discípulos que vão estar presentes, confirma-se que a menina está morta e manda-se retirar toda aquela gente que chora e lamenta a morte. (37-40); A menina é reanimada com um toque de Jesus e as suas palavras (40-41); As pessoas tomam conhecimento do milagre e Jesus manda dar de comer à menina. (42-43).

A situação de Jairo é diferente da anterior. A mulher lutou durante muito tempo contra uma doença, Jairo vê-se confrontado de um momento para o outro com a possibilidade de perder a sua filha. Experimenta a falta de

confiança mesmo quando caminha com Jesus, porque se esgota o tempo. A demora na cura da mulher sabe-lhe a perda de tempo com uma situação menos urgente que a dele, apesar de não dizer nada. Jesus não facilita e leva-o até ao limite para que ele se dê conta da sua falta de esperança.

Ao chegar a notícia da morte da menina, Jesus adianta-se a Jairo, reclamando a sua fé: “Não tenhas receio; crê somente”. Jesus pretende que Jairo esgote todas as suas seguranças humanas para revelar a verdadeira fé. É no limite de todas as possibilidades que o homem manifesta a fé ou a falta dela. O apego do pai à sua filha impede-o de confiar o suficiente. Jairo está centrado na filha e na possibilidade da sua morte e não em Jesus e na certeza da cura e da vida. Perante a notícia da morte terminaram todas as possibilidades e fica apenas Jesus diante de Jairo. Para Jairo já não vale a pena importunar o mestre. Para Jesus prevalece o poder da fé. Entra em jogo o combate da fé, unicamente.

Ao entrar na casa de Jairo, Jesus confirma a certeza da morte juntamente com o pai e com os discípulos e faz uma breve revelação: “a menina não morreu, está a dormir”. Estas palavras juntamente com a afirmação imperativa que dirige à menina “sou eu que te digo” mostram que a chegada de Jesus ao mundo enfraqueceu o poder da morte porque ele é a ressurreição e a vida.

Os que choram e se lamentam são afastados e ficam apenas os que terão parte na ressurreição da menina. Estas testemunhas devem ficar em silêncio e não falar do acontecimento a ninguém, porque este poder de Jesus sobre a morte só será verdadeiramente compreendido na sua própria ressurreição, após a morte na cruz. Tem sentido, porque esta será a verdadeira ressurreição. A menina ressuscitou para esta vida mas a ressurreição de Jesus será para sempre numa existência nova, livre de todas as limitações humanas.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

A mulher do evangelho é uma mulher perdida no meio da multidão, fechada no seu problema de saúde, impedida de conviver com os outros e até de

celebrar a fé entrando no Templo para rezar. Esta mulher vive mergulhada na noite, na escuridão, na morte. Jesus veio libertar os homens das trevas. Ele é a luz e a sua palavra tem o poder de dar a vida. Esta mulher encontra em Jesus a resposta para a sua vida. Ele não apenas a cura da sua doença, mas tira-a do anonimato, fala com ela, dá-lhe atenção, fá-la perceber que é importante, insere-a no meio dos homens e apresenta-a como uma pessoa renovada e livre com plenos direitos no meio do mundo, da sociedade e até da comunidade dos crentes. O milagre não é apenas a cura da doença mas toda a transformação da vida daquela mulher. Ela, agora, sente-se alguém. Olhando para ela, Jesus quis dizer-lhe “tu existes” e “eu estou aqui só para ti”.

Hoje, muitas pessoas sentem o peso da vida e fecham-se em si mesmas. Não vivem. Estão fechadas na escuridão de uma morte que chegou antes de tempo. Talvez alguém de entre nós se sinta assim. Jesus, com a sua palavra, continua a ter poder para transformar a nossa noite em dia, a nossa tristeza em alegria. Ele pode devolver-nos a vida abrindo-nos aos outros. Nós próprios podemos ser comunicadores desta vida nova que Jesus oferece a todos os homens.

Jairo está centrado na sua filha e é incapaz de imaginar que vai ficar sem a filha. Está impaciente mas experimenta alguma confiança quando Jesus aceita o seu pedido e se dirige para a sua casa a fim de curar a filha. Essa esperança vai diminuindo à medida em que vê o tempo passar e Jesus ocupado com a mulher a quem curou. Chega a notícia da morte da menina e Jesus chama-o à fé. O caminho da fé é difícil mas ele consegue fazê-lo caminhando ao lado de Jesus, até que vê a filha de novo com vida.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

Hoje somos também perturbados na nossa vida com situações limite. Vemos a vida a enfraquecer, em perigo ou mesmo no final por causa de muitas situações em que a morte parece ter mais poder. Jesus vai connosco a caminho. Embora o tempo pareça escassear, ele vai connosco e tem poder sobre todas as

forças da noite e da morte. Não podemos temer o mal que sobrevém sobre nós quando Jesus caminha connosco. Além do mais o caminho que fazemos com Jesus não termina nos problemas, nas dificuldades, nas doenças, nos sofrimentos nem na morte. A casa para onde nos dirigimos com Jesus é a casa do Pai. Até chegarmos lá, muitas coisas há para viver.

Em qualquer situação da nossa vida é fundamental a fé. A fé há-de estar centrada em Jesus e acima de todo e qualquer interesse humano, pessoal ou imediato. A fé leva-nos a Jesus e a descobrir que sem Ele nada nos serve e com Ele tudo nos sobra.

Pensemos agora em nós mesmos. E interroguemo-nos

Já fiz a experiência de solidão e abandono que fez a mulher do evangelho? Já me vi sem esperança perante a vida?

Tenho consciência que a minha vida e a dos meus não depende de mim mas de Deus? Confio que Deus quer o meu bem e não o meu mal?

Tenho fé capaz de confiar que Jesus me acompanha mesmo no meio das dificuldades, do sofrimento e da morte?

Estou disposto a ser sinal da presença de Jesus junto de alguém que se sinta abandonado por todos e até esquecido de Deus?

5. ORAÇÃO

Senhor, tu cruzas o nosso caminho e chamas a nossa atenção. No meio das dificuldades, nas noites da nossa vida e das mortes que experimentamos, suplicamos que venhas impor as tuas mãos sobre nós para que vivamos. Vem, Senhor, e dá-nos a vida que não acaba. Pai Nosso...

TEMA 7

JESUS “FAZ TUDO BEM FEITO”

1. ORAÇÃO

VINDE, ESPÍRITO SANTO! Abri os nossos corações à escuta da Palavra.

VINDE, AMOR ARDENTE! Inundai-nos e enchei-nos do fogo do Vosso Amor!

VINDE, FOGO ABRASADOR! Queimai em nós, aquilo que não vem de Vós e reduzi a cinzas o “homem velho” que nos afasta de Vós!

VINDE, SEMENTE DA VIDA NOVA! Fecundai a nossa vida e que em nós nasça o “Homem Novo”!

VINDE, LUZ DE SANTIDADE! Inundai-nos da Vossa Luz, abri os nossos olhos a Vossa Luz, fazei-nos conhecer, amar e viver na Vossa Luz!

VINDE, ESPÍRITO SANTO! Enchei-nos com o Fogo do Vosso Amor, dai asas aos nossos pés e fazei-nos corajosas testemunhas do Vosso Amor!

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 7, 31-37**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

O fragmento do Evangelho de Marcos que escolhemos, enquadra-se na 3ª secção do Evangelho que descreve as viagens de Jesus por Tiro, Sidónia e Decápole, território gentio. Está atravessado pelo tema da incompreensão de que é objecto a pessoa de Jesus. O surdo-mudo que recupera o uso das suas

faculdades, o que lhe permite escutar a Palavra reveladora e comunicá-la, converte-se em sinal daquele que se abre ao acolhimento do mistério de Jesus. Enquanto Jesus atravessava o território da Decápole (v. 31), o homem pagão que é objecto do milagre é levado a Jesus.

Este relato de cura é próprio do evangelho de Marcos. Não se alude à fé de quem recebe o milagre, nem de quem o acompanha (v. 32): é a totalidade da pessoa humana que se abre à fé e ao reconhecimento de quem o cura que interessa. Jesus faz o milagre afastando o surdo-mudo das demais pessoas (v. 33). É que as obras de Deus não devem fazer-se com ostentação, mas com simplicidade, no silêncio e com descrição. Jesus ordena ainda ao surdo-mudo que guarde silêncio sobre o sucedido (v. 36). O anúncio do Evangelho e a adesão de fé devem ser o único «sinal», inequívoco e visível, dos tempos messiânicos. Deve ser o único «sinal» de que o Messias está presente no meio do Seu povo, não os acontecimentos extraordinários e milagrosos.

O milagre vai acompanhado de uma grande riqueza de gestos: a introdução dos dedos nos ouvidos, o contacto com a saliva (elemento considerado como medicinal na antiguidade), o suspiro, a palavra transmitida pelo evangelista em aramaico «*Effathá*» (vv. 33ss). Alguns destes gestos conservam-se actualmente no rito do baptismo.

Em virtude da enorme admiração provocada pelo milagre (v. 37), a multidão não acata a ordem de guardar silêncio (v. 36), o povo e os que são objecto da intervenção milagrosa proclamam com entusiasmo as maravilhas de Deus realizadas pelo poder de Jesus. A admiração está expressa com uma afirmação que recorda os relatos da criação e da libertação da escravidão. “*Faz tudo bem feito...*” (v. 37). Esta expressão remete-nos para o livro dos Génesis segundo o qual Deus viu que eram boas todas as coisas criadas (cf. Gn 1). “*Faz ouvir os surdos e falar os mudos.*” (v. 37), Jesus é o Senhor da criação e, pela sua acção messiânica, leva a cabo uma “nova criação” e a salvação definitiva.

Este episódio da cura do surdo-mudo, colocado depois das controvérsias com os fariseus acerca dos ritos de purificação (7, 1-23), proclama que a

verdadeira pureza vem do interior, brota do coração, da fé que Deus pode dar, mesmo aos pagãos. Esta cura, bem como a da filha da mulher Sirio-Fenícia (7, 24-30), que acontecem em território pagão da Decápole e da Fenícia, e a multiplicação dos pães que se lhes segue (8, 1-10) em terra estrangeira (para os lados de Dalmanutá), abrem caminho para a evangelização para além do povo de Israel. Abrem caminho à evangelização dos gentios. Falam-nos da Universalidade da Salvação e do Amor de Deus.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

Vamos destacar alguns aspectos que não nos podem deixar indiferentes.

A multidão que procurava Jesus, com o peso das suas doenças e com a confiança na sua cura, deve servir-nos de espelho. Devemos identificar-nos a nós mesmos nestes rostos, nestas pessoas. Nós, como eles, *estamos dispostos a procurar em Jesus a solução prática dos nossos problemas...* Contudo *escapa-nos o sentido profundo da cura que Jesus realiza*. Talvez porque não sentimos necessidade de nenhuma outra coisa para além do material, do físico e do imediato.

O episódio da cura do surdo-mudo dá-nos a oportunidade de voltar a descobrir a alegria de ter sido baptizados: *o baptismo, muito mais que uma cura total, é um “novo nascimento” que nos abre a uma “vida nova”*.

Ser baptizado implica um estilo de vida renovado, em que os nossos sentidos captam a realidade na sua verdade mais profunda e em que as acções, expressam uma lógica diferente da que supõe o egocentrismo. O baptizado é a pessoa cujos olhos se “abrem” à beleza da criação, cujos ouvidos se “abrem” à Palavra da misericórdia e da salvação, cujos braços se “abrem” para abraçar a *todo o homem e mulher, sem discriminações de nenhum tipo*, visto que reconhece em Deus o Criador e Salvador de “todos”.

No surdo-mudo, curado de maneira admirável pelo Senhor, estão todos os homens e mulheres que, por graça divina, merecem ser libertados do pecado provocado pelo engano do demónio. Com efeito, *o homem tornou-se surdo e*

recusa-se a escutar a Palavra da Vida depois de ter escutado as palavras mortais da serpente dirigidas contra Deus; tornou-se mudo para o canto dos Louvores do Criador, desde que se deteve a falar com o sedutor.

Visto que o surdo-mudo não podia escutar nem implorar a sua cura ao Salvador, *os seus amigos conduziram-no ao Senhor e suplicaram-Lhe pela sua salvação*. Assim nós: se alguém não pode ser convertido pela obra dos homens para a escuta e a profissão da verdade, que seja levado à presença da piedade divina e peça-se a ajuda de Deus para a sua salvação. *“A misericórdia do médico celestial não se atrasa se não vacilar nem diminuir a intensa súplica dos que oram”* (São Beda, O Venerável). Nossa Senhora, em Fátima, pediu insistentemente que se rezasse pela conversão dos pecadores.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

1. Deste texto é possível destacar a *universalidade do Amor e da salvação de Deus*. O homem que é objecto do milagre é pagão e o milagre dá-se em terra de gentios; assim o *bem deve ser feito com descrição* e sem ostentação *“Afastando-se com ele da multidão”* (v. 33).

O texto desperta-nos para uma adesão à fé que se deve prender única e exclusivamente em Deus Amor e Salvador. *Não precisamos de acontecimentos extraordinários para aderir a Jesus Cristo e ao seu Evangelho*, não precisamos de ver para crer (cf. Jo 20, 25); desafia-nos a *redescobrir a beleza do nosso baptismo e a alegrarmo-nos por ele* nos conceder a possibilidade de um “novo nascimento” e nos abrir a uma “vida nova”; alerta-nos para as *consequências do pecado na nossa vida*. O pecado torna-nos incapazes de escutar a Palavra libertadora e de proclamar os louvores de Deus; e destaca a importância dos *intermediários para levar os Homens a Deus*: *“Trouxeram-lhe um surdo tartamudo e rogaram-lhe que impusesse as mãos sobre ele”* (v. 32). Mas o texto é muito elucidativo sobre o testemunho e exemplo de vida, pois, *se estamos convencidos das vantagens que a fé nos traz*; se para nós Jesus é um tesouro, é o segredo da verdadeira felicidade; se temos consciência e nos

sentimos alegres pela graça de salvação que nos é concedida por Deus no baptismo; se não fechamos os nossos ouvidos à Palavra e a nossa boca ao louvor; - Então *temos de comunicar*, temos que ser testemunhas e convidar os que cruzam a nossa vida a experimentar aquilo que nós vamos experimentando. De facto, temos que os levar a Jesus, convidando-os a participar do nosso grupo paroquial de catequese de adultos, a celebrar a fé na Eucaristia Dominical... ou... rezando por eles: “*rogaram-lhe*” (v. 32). Pedindo a Deus, para eles, a graça da cura, da conversão. Que se abram à graça da salvação.

5. ORAÇÃO

Dirijamo-nos directamente Àquele cuja Palavra escutámos e acolhemos no nosso coração. Falemos com Deus como um amigo fala com o seu amigo, com total confiança. Deixemos brotar no nosso espírito uma bela e sentida oração de louvor e de intercessão. Podemos fazê-lo desta forma:

- Senhor, Vós que fazeis tudo bem feito, concedei-nos a graça da “cura” e da “Vida Nova”, abri os nossos ouvidos à escuta da Vossa Palavra, libertai a nossa língua e permiti que proclamemos as Vossas Misericórdias, para que, libertos daquilo que não vem de Vós, possamos dizer com São Paulo “*Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim.*” (Gl 2, 20).

- Senhor, Vós que fazeis tudo bem feito, concedei-nos a graça de ser Vosso instrumento, para aproximar de Vós aqueles que de Vós se afastaram, não Vos conhecem e não Vos amam. Concedei-nos e àqueles que cruzam a nossa vida, a coragem e a graça, necessárias, para nos “despirmos das obras das trevas e revestirmos das armas da luz” (cf. Rm 13, 12). Que compreendamos melhor que Vós sois o Salvador e nós, os baptizados, vivamos a “vida nova” de Vós recebida. Por isso “Nada tememos, porque nos resgataste e chamaste pelo nosso nome; somos vossos” (cf. Is 43, 1).

PAI NOSSO

TEMA 8

JESUS CURA OS CEGOS

1. ORAÇÃO

Senhor nosso Deus, Tu que podes mais, infinitamente mais do que podemos pedir ou imaginar, envia o Teu Espírito Santo, para que Ele, com a sua sabedoria e conselho, nos eleve até Ti, à Tua presença. Que a Tua Palavra, que vamos escutar, interiorizar e partilhar, seja para nós uma oportunidade para “vermos” o Teu amor por nós e, dessa forma, caminharmos contigo pelo caminho da vida. *Pai-Nosso...*

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 8, 22-26**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registrará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

Jesus “sobe” para Jerusalém. Ao longo deste caminho, os discípulos discutem entre si sobre quem é o maior; um homem rico vem ao encontro de Jesus, mas, porque não é capaz de perder todos os seus bens em detrimento do sumo bem, que é alcançar a vida eterna, vai-se embora de semblante anuviado (10,22). Neste mesmo caminho para Jerusalém, Jesus anuncia a sua morte e Páscoa. Todavia, aqueles que o rodeiam não compreendem (10,35-45). Esta secção (8,27 a 10,45) culmina com o milagre de um cego que, estando

precisamente à beira do caminho (10,46), pede a Jesus para ver e uma vez curado deixa tudo e segue Jesus *pelo caminho*.

O caminho da região Este do Jordão (10,1), para Jerusalém, passava por Jericó, que é uma das mais antigas cidades da Palestina (Jos 2,2s). À saída de Jericó, estava um cego, mendigo, pobre, imóvel. Jerusalém está perto, mas não pode subir até lá para admirar o santuário e para orar como fazem os outros fiéis. Ao dar-se conta que era Jesus quem passava à sua beira, recorre a todos os meios para chamar a sua atenção. Jesus, escutando os gritos do cego, pede que o chamem. Escuta os seus desejos, confirma que estes são verdadeiros, e fortalece a sua fé.

Algumas das expressões basilares da narração:

- *Começou a gritar*. O seu grito é uma chamada de auxílio: o “filho de Timeu” quer encontrar-se com o “Filho de David”. É a primeira vez que aparece este título messiânico. Aparecerá depois em 12,35.

- *Jesus, Filho de David, tem misericórdia de mim!* Esta é a primeira vez que alguém, distinto de um demónio, faz tão ruidosa e profunda aclamação e dirige-se a Jesus usando um título Messiânico: Filho de David. Com esta exclamação designa-se Jesus como herdeiro das promessas feitas a David através de Natan (2 Sm 7,12-16; 1 Cr 17,11-14; Sal 89,29-38).

- *Ele gritava cada vez mais!* Ele gritava cada vez mais e perante isto é o próprio Jesus que se detém e ordena que o chamem. A mudança de atitude da multidão é deveras evidente: não só obedece à ordem de Jesus, como também anima e conforta Bartimeu.

- *Atirando fora a capa, deu um salto e veio ter com Jesus*. Perante o chamamento de Jesus e o ânimo dado pela multidão, o cego, que estava imóvel, à beira do caminho, põe-se em movimento: “deu um salto e veio ter com Jesus”. O abandono do manto marca uma ruptura com o seu estado passado de mendicante.

- *Que queres que te faça? Mestre, que eu veja!* É a mesma pergunta que Jesus faz a Tiago e a João em 10,36. Contudo, o pedido de Tiago e João contrasta com o humilde desejo do cego Bartimeu: “tem misericórdia de mim; que eu

veja” (10,47,48.51). O cego Bartimeu compreendeu melhor que a autoridade de Jesus consiste em servir.

- *Vai, a tua fé te salvou!* Estas palavras de Jesus superam a cura física de Bartimeu. A cura que Jesus faz é muito mais radical e vais mais longe que a mera aquisição da vista. Aqui é sublinhado também o início do discipulado.

Neste texto, verificamos que se destaca mais a fé de Bartimeu, que o milagre em si.

- *Seguiu Jesus pelo caminho.* O texto poderia significar também “seguiu pelo caminho do discipulado”. Bartimeu converte-se no discípulo exemplar, devido à sua fé inquebrantável e à disponibilidade em seguir Jesus no seu caminho para Jerusalém.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Não é da natureza do amor impor um relacionamento, mas é da natureza do amor abrir um caminho. Jesus, ao longo da sua vida, pelas suas palavras e gestos, anuncia um caminho: o caminho da vida, da entrega, do serviço.

Após a cura do cego em Betsaida, Jesus abandona a Galileia e inicia o seu caminho para Jerusalém. Neste caminho, Jesus conduz a uma nova forma de seguimento e discipulado, que pode e deve actualizar-se dentro da Igreja Cristã. Estamos perante um momento importante. Jesus começa a dar cumprimento aos diversos anúncios que realizou sobre a sua paixão (8,31; 9,31; 10,33). Sobe a Jerusalém para entregar, por amor, a sua vida, para que todos tenham vida e a tenham em abundância. Contudo, os seus discípulos não o compreendem. Bartimeu também não compreende, mas tem confiança, e por isso grita duas vezes: “Jesus, filho de David, tem misericórdia de mim!” (10,47-48).

Bartimeu é para Marcos um verdadeiro crente porque alcançou a verdadeira orientação da sua fé. Esta descansa na cruz que se prepara para Jesus e para aqueles que o seguem: “chamando a si a multidão, juntamente com os

discípulos, disse-lhes: «Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me» (8,34).

Tudo começa com um encontro, diz E. Schillebeeck. É curioso que muitos estão com Jesus sem conhecê-lo; caminham com Ele, para mais tarde O abandonarem. O quão importante é para mim encontrar-me com Jesus na oração, nos Sacramentos, no silêncio, nos outros! Porque é que nos dias de hoje são menos aqueles que se dispõem a encontrar-se com Jesus, preferindo permanecer “à beira do caminho”? Será falta de tempo, de organização da própria vida? Será que Jesus já não cativa, não chama? Será pela falta de testemunho dos cristãos, que na sua vida não revelam esta alegria de serem “amigos de Jesus”?

Para o diálogo em grupo, estas perguntas podem ajudar os diversos elementos a partilhar aquilo que mais os marcou: Qual é a ideia ou o valor fundamental deste texto? Que importância tem para mim e para a minha vida? Que comportamentos e sentimentos me transmite? Como posso iluminá-los com a minha vida?

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

Bartimeu encontrava-se à beira do caminho. Como me descubro eu? Também eu me encontro à margem? À margem da sociedade, da Igreja, da vida? Cassiano diz que cada pessoa tem qualquer coisa de grande para dar. Sendo assim, limito-me a ver a vida passar por mim, ou esforço-me para transformar o meu mundo e o mundo daqueles que me rodeiam, dando o que tenho e o que sou?

Bartimeu, ao dar-se conta que era Jesus que ali passava, percebeu que, com Jesus, a sua vida podia ser diferente. Por isso gritou, e ainda que o mandassem calar, gritava cada vez mais. Perante este gesto generoso e audaz de Bartimeu, devo perceber como me comporto eu: tenho vergonha de anunciar o evangelho? De defender a doutrina da Igreja e de a viver na minha vida?

O cego sabe que está necessitado e pede a Jesus que abra os seus olhos. Superando o nível da falsa segurança dos discípulos, que no fundo é só um egoísmo e um desejo de servir-se de Jesus, a quem chamam falsamente Messias (8,29), este cego está disposto a converter-se em seguidor autêntico do Filho de David que sobe para Jerusalém. Por isso, pedindo-lhe a sua ajuda, quer que os seus olhos (exteriores e interiores) possam vê-lo e segui-lo no caminho. Tendo presente o exemplo de Bartimeu, como me posso eu desprender da inveja, do ciúme, das contendas (que por vezes até existem na nossa comunidade e nos grupos paroquiais), e colocar-me, à imagem deste cego, nas mãos de Jesus?

Bartimeu coloca-se nas mãos de Jesus, disposto a deixar-se iluminar. Recebe a ajuda de Jesus comportando-se como um verdadeiro discípulo. Despojou-se do pouco que tem, atirou fora a capa, que representava a sua condição de prostrado, de mendigo, e colocou-se sem nada nas mãos de Jesus. Jesus confirma esta entrega, esta disponibilidade: a tua fé te salvou. Não pergunta nada, não busca mais seguranças. Bartimeu é o protótipo do crente que já não procura mais nada senão acompanhar Jesus no caminho para Jerusalém. E eu, que procuro eu na minha vida cristã? Quem sigo eu? Qual o caminho que percorro? O meu ou o de Jesus?

As palavras, “Jesus, Filho de David, tem misericórdia de mim”, são a mais profunda confissão messiânica que até agora foi dita por aqueles que buscam Jesus. Estas palavras encontram-se na linha do gesto que certa mulher, em Betânia, realizará (14,3-9). Ao derramar perfume sobre a cabeça de Jesus, ela o unguirá como Messias. Bartimeu, ao chamar a Jesus Filho de David e ao pedir-lhe ajuda para ver, proclamou-o Messias. Quais os gestos que acompanham a “minha” fé em Jesus?

“Que eu veja”, é o pedido de Bartimeu a Jesus. Pedido incrível... pois ele, sendo cego, via mais longe e mais fundo que aqueles que acompanhavam Jesus. Via ao ponto de ver a verdadeira identidade de Jesus. É necessário “ver” para “seguir” Jesus. Bartimeu deseja ver e, por isso, grita por Jesus, com insistência. Jesus cura o cego sem recorrer a algum gesto: “Vai, a tua fé te

salvou!”. Bartimeu é então o modelo de discípulo. Incapaz de seguir Jesus por si mesmo, como tão pouco foi Pedro, que não compreendeu o primeiro anúncio da paixão, nem João, nem Tiago quando quiseram ser superiores aos outros. Mas Jesus cura e ilumina os seus discípulos, que de Jesus recebem a força necessária para o seguir.

Por vezes a incapacidade de olhar sobre nós encontra um grande aliado na distração que procede da apatia que nos impede de desejar e implorar a cura: “Que eu veja”. Perante a nossa apatia, distração, comprometer-me a fazer todos os dias um bom *exame de consciência*.

A misericórdia é a única bem-aventurança que se regenera exercendo-a. Experimenta-a os que a oferecem e têm coragem da gratuidade das iniciativas, da sinceridade e dos gestos simples e pobres.

5. ORAÇÃO

Não Te vejo, Senhor, porque prefiro olhar para mim e não para Ti. Privome da Tua ternura porque teimo em querer recebê-la das pessoas e dos acontecimentos que eu desejo e não através dos que tu me ofereces. Senhor Jesus, meu mestre, aumenta a minha fé, para que eu veja e Te siga pelo caminho da vida. *Pai Nosso... Glória ao Pai...*

TEMA 9

A PROFISSÃO DE FÉ EM JESUS

1. ORAÇÃO

Concede-nos, Senhor, o dom do teu Espírito Santo para podermos compreender o Teu plano de salvação para a humanidade. Retira, da nossa vida, tudo o que possa reduzir ou modificar a Tua Palavra, para crescermos em Ti e na Tua Palavra, e nos transformarmos em autênticos discípulos de Teu Filho, Jesus Cristo. Tudo isto te pedimos por meio d'Ele na unidade do Espírito Santo. Amen.

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 8, 27-33**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registrará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

Situamo-nos, com esta passagem, no início da segunda parte da narração do Evangelho (8, 27 – 16, 8). O texto, a nível estrutural divide-se em duas partes: a das perguntas (vv. 27-30) e a do ensinamento (vv. 31-33). A primeira pretende, claramente, preparar os discípulos – e o leitor – para a escuta da segunda.

Jesus encontra-se, com os seus discípulos, em Cesareia, cidade governada por Filipe, irmão de Herodes Antipas, e situada junto ao monte Hermon, na nascente do rio Jordão, numa região povoada de santuários pagãos. Em

Cesareia respira-se um ambiente dos mais adversos à sensibilidade e religiosidade judaicas, por tudo o que nela se vive, de modo particular o poder romano e o culto ao imperador. É com este pano de fundo que Jesus inicia o seu caminho para Jerusalém, procurando dar uma resposta à pergunta ‘Quem é Ele?’, que, na narração do Evangelho, desde 4, 41, tem sido colocada por diversas vezes. Para encontrar essa resposta, o próprio Jesus faz duas perguntas aos seus discípulos, começando por querer saber o que dizem os “homens” sobre Ele e culmina com a indecisão dos discípulos sobre quem Ele é e a resposta de Pedro com a afirmação “Tu és o Messias!”

Perante tal afirmação, Jesus ordena que o não digam a ninguém. Pode parecer estranho esta atitude do Mestre, mas Jesus não recusa a afirmação de Pedro, s não quer que se divulgue, porque a concepção popular do Messias estava deformada e mundanizada. Jesus quer evitá-la nos seus ouvintes e corrigi-la nos seus discípulos. Este é o motivo que se encontra por detrás do silêncio que Jesus exige sobre a sua identidade. Deve-se evitar o equívoco.

Somos agora introduzidos na segunda parte do texto, a do ensinamento. No primeiro anúncio da paixão e ressurreição Jesus afirma que não será reconhecido pela autoridade judaica, o Sinédrio, e que este o condenará à morte, sendo rejeitado por parte da mesma autoridade. Jesus usa, para descrever a sua paixão e morte, imagens do Antigo Testamento; com tais imagens, refere a violência que se abate sobre o justo; violência permitida por Deus. Contudo, neste anúncio, Jesus acrescenta que “aos três dias” ressuscitará. A expressão “aos três dias”, nos textos do Antigo Testamento, significa que Deus concede a ajuda e a salvação aos justos e não os deixa muito tempo na tribulação. Mas tem um significado muito mais realista ao querer referir que qualquer corpo sadio, que morra prematuramente, começa a decompor-se só a partir do terceiro dia; e por isso “ressuscitar ao terceiro dia” simboliza que não chega a entrar em decomposição.

Perante tal afirmação, Pedro não aceita tal destino para Jesus e, “tomando-O à parte, começou a repreendê-lo”. O verbo “repreender” marca este episódio: Jesus repreende os discípulos para que eles não manifestem a ninguém quem

Ele é; Pedro repreende Jesus e Jesus, por fim repreende Pedro. É um verbo muito forte, pois é usado por Jesus para mandar calar os demónios (1,25; 3, 12; 9, 25...).

Através dum gesto, Jesus manifesta que a sua resposta se estende a todos os discípulos que parecem ter a mesma opinião de Pedro. Podemos interpretar a repreensão de Jesus a Pedro como uma referência exclusiva à recusa do anúncio da paixão do “Messias”. Para Jesus estes são os pensamentos humanos, não os planos de Deus.

Esta tensão entre Jesus e os seus discípulos manter-se-á no caminho para Jerusalém, pois, enquanto Jesus anuncia mais duas vezes a sua paixão, os discípulos discutirão sobre as importâncias e os lugares no Reino que Jesus instaurará quando chegar à Cidade Santa...

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

Vamos aprofundar agora alguns aspectos que não nos podem deixar indiferentes.

As perguntas acontecem depois do episódio da multiplicação dos pães e dos peixes e da cura do cego de Betsaida. Os discípulos estão contentes, pois Jesus é um grande Mestre!

Jesus, que, desde o início, parece não querer que se saiba quem Ele é (manda calar os demónios, quando estes revelam a sua natureza messiânica e divina: 1, 24s; 3, 11s) afigura-se agora preocupado com o que dele se diz. Quem dizem os homens que eu sou? E os discípulos respondem à sondagem de opinião: há diversidade de julgamentos sobre Jesus, todos reconhecem nele alguém extraordinário, mas ninguém sabe muito bem dizer quem Ele é...

Seria de esperar que o Senhor corrigisse estas formas tão deturpadas de entender a sua pessoa. No entanto, a sua resposta é o silêncio. Não lhe importa o que os homens e o mundo possam pensar. Mas esta pergunta apenas serve para introduzir a questão fundamental: *“E vós, quem dizeis que Eu sou?”*

A meio do “caminho”, antes de subir a Jerusalém, Jesus tem necessidade de confrontar os discípulos com a pergunta fundamental: quem é Jesus, de facto, para eles? E se no início responderam com facilidade, relatando preconceitos e frases feitas, agora parece que todos se calam. Apenas Pedro responde. *“Tu és o Messias”*.

Finalmente alguém dá uma resposta capaz perante o mistério de Jesus: Ele é o “Ungido do Senhor” (Messias, em hebraico; Cristo em grego). Até agora apenas os demónios declaravam a natureza de Jesus e eram mandados calar, porque não tinham autoridade para o afirmar, pois falavam de um saber feito e não vivido. Mas, agora, é um dos discípulos que o afirma. E fã-lo com uma convicção e uma clareza tão distintas, que esperaríamos de Jesus lhe desse uma palavra de apreço. No entanto, é, juntamente com todos os outros, “repreendido” e mandado calar.

O Senhor sabe que, por detrás da declaração de Pedro, está uma compreensão muito humana e política da figura do Messias. É assim que os discípulos olham para Jesus: a partir da sua concepção religiosa e política do Messias, e não da relação que criaram com Ele. Durante este tempo todo Pedro acompanhou Jesus, mas – por incrível que pareça – ainda não O escutou !... Ainda não se converteu à Boa Nova. Por isso, o Senhor “começou a ensinar-lhes”... de novo!...

O Messias não vai a Jerusalém para corresponder às expectativas dos discípulos, nem para cumprir projectos humanos; Jesus sobe à Cidade Santa para consumir o plano de Deus: sofrer, morrer e ressuscitar. E di-lo claramente aos discípulos, para que não haja qualquer dúvida.

É curioso: Pedro chama Jesus à parte para lhe dizer qual a sua missão como Messias e o que deve fazer em Jerusalém, para tentar moldar Jesus segundo os seus critérios e a convencê-lo de como deve agir; a recordá-lo do sucesso que tem entre o povo e de como, facilmente, em Jerusalém, se pode tornar rei... Pedro atravessa-se no “caminho” de Jesus; quer impor o seu próprio caminho. Trata-se de uma tentativa de instrumentalizar Jesus. Pedro toma a mesma atitude daquele que se atravessa no plano salvador de Deus: o demónio. Por

isso, Jesus usa com ele a mesma expressão que utiliza para expulsar os espíritos impuros. Mas, com uma diferença fundamental: não o manda embora; mas convida-o, como o convidou junto ao mar da Galileia (1, 17; “vinde atrás de mim”), a colocar-se “atrás”. “Atrás”: é o lugar do discípulo, pisando, sem atalhos, as pegadas do Senhor. Seguir Jesus, pôr-se “atrás” dele, significa transformar a nossa forma humana de pensar, sintonizando-a com o pensamento de Deus... significa aprender do Mestre, configurar-se com ele nos sentimentos, na forma de falar e de agir.

Jesus não quer admiradores; quer discípulos. Muito menos quer quem se utilize dele para atingir objectivos pessoais ou quem se achesse no plano salvífico de Deus.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

Pensem agora em nós mesmos, pois somos nós hoje os discípulos de Jesus.

1. *No caminho.* No “caminho” do seguimento, Jesus confronta-me com as mesmas perguntas... quanto teríamos para responder ao Senhor sobre aquilo que “os homens” de hoje dizem dele... Mas a atitude de Jesus é a mesma: o silêncio. Ele pouco se importa com o que os outros dizem; o que lhe é fundamental é a pergunta que se segue: quem é Ele para mim? Para mim, que escuto frequentemente a Sua Palavra e que tenho experimentado na vida as maravilhas que Ele realiza?... É a mim que o Senhor hoje pergunta: “e tu quem dizes que Eu sou?”.
2. *Tu és o Cristo.* Talvez tenha uma resposta pronta, à imagem de Pedro. Mas a resposta que Ele espera é outra... Ele questiona-me pelo essencial do ser discípulo: quem é Ele para mim, de facto. Como Pedro posso dizer muitas verdades sobre Jesus... Mas não é isso que Ele pretende. Por isso, manda calar os discípulos: dizem coisas sobre Ele, mas ainda não se encontraram com Ele. Dizem o que aprenderam de outros e não do que vivem com o Mestre. Convertem o Messias no que lhes dá jeito e lhes pode dar

promoção. E esta é a grande idolatria, em que, com tanta facilidade, posso cair: fazer um Jesus à minha medida, filtrando a Sua Palavra e adaptando-a à minha maneira de pensar... E quando é assim, de novo se faz ouvir a repreensão do Senhor... E, o que eu digo sobre Jesus é o que outros dele me disseram, ou é fruto de uma relação de amizade, de uma história pessoal vivenciada como salvação? Que me diria o Senhor – que reacção teria – perante aquilo que digo dele?

3. *“Vai-te daqui...”*. Quantas vezes queremos instrumentalizar Jesus, reduzindo-o aos nossos objectivos pessoais e às vezes tão humanos? Quantas vezes me atravesso e atrapalho – opondo-me até – ao projecto de Deus... Com que incoerência rezo no Pai-nosso que se faça a “Vossa vontade”, tentando, ao mesmo tempo e na mesma oração, convencer o Senhor a fazer a minha!... E como O “repreendo” quando tal não acontece!... Com o mesmo poder com que admoestou Pedro, a Palavra do Senhor volta hoje a ecoar: “vai-te daqui...”, “atrás de mim”... É o convite a fazer o mesmo caminho do Senhor. Estou disposto a percorrer todo o “caminho”, passo-a-passo atrás do Mestre, mesmo sabendo que isso me trará muitas vezes sofrimento e incompreensão? Sigo Jesus sem condições, ou ponho limites e reservas? Quem é Ele, de facto, para mim?

5. ORAÇÃO

“E vós, quem dizeis que Eu sou?” Eis a pergunta que permanece actual.

- Senhor Jesus, vós que percorrestes o caminho da vontade do Pai, ensinai-nos a seguir-Vos para, também nós, cumprirmos a vontade de Deus.
- Senhor Jesus, vós que nos convidais a dar uma resposta sobre quem sois para nós, que respondamos a todos com a nossa vida.
- Jesus, o Cristo e o Filho de Deus, limpa o olhar do nosso coração para que não tenhamos a ousadia de perverter os planos de Deus, mas a coragem de os aceitar.

(Outras orações espontâneas...)

TEMA 10

VIVER COM JESUS

1. ORAÇÃO

Senhor Jesus, que nos reunistes aqui, ensina-nos a escutar a tua Palavra e a fazer dela o caminho que orienta a nossa vida; Palavra que nos dá força para renunciarmos a nós próprios, à nossa própria vontade e seguirmos atrás de ti, como discípulos, carregando a nossa cruz. Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso amor. Enviai, Senhor, o Vosso Espírito, e tudo será criado, e renovareis a face da terra.

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS:

Proclamação: **Mc 8, 34-38**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

Jesus está nas aldeias vizinhas de Cesareia de Filipe, povoação pagã (hoje Bâneas) a 40 km a norte de Betânia, situada junto ao Lago de Genesaré.

Depois do primeiro anúncio da paixão (Mc 8, 31-33), Jesus convida o povo e os discípulos a optar radicalmente por ele, negando-se a si mesmos e tomando a sua cruz, e refere-se que se alguém se envergonhar deste ensinamento, também Jesus se envergonhará dele quando vier na glória de seu Pai. Jesus acentua que para ser discípulo se requer três condições básicas: negar-se a si mesmo, carregar a cruz e segui-l'O.

Com o texto proclamado, começa-se a chamar a atenção para a “cruz”, o grande símbolo cristão, ainda que o sofrimento não seja um exclusivo dos cristãos: é da natureza humana sensível. Queiramos ou não, o sofrimento está incrustado no interior da nossa experiência humana e seria uma ingenuidade procurar escamoteá-lo. Às vezes é a dor física que sacode o nosso organismo. Outras, o sofrimento moral, a morte dum ente querido, o rompimento de uma amizade, o conflito, a insegurança, o medo ou a depressão. Outras ainda é o sofrimento forte e inesperado que rapidamente passa ou a situação penosa que se prolonga, consumindo o nosso ser e destruindo a nossa alegria de viver. Mas o negar-se a si mesmo e a cruz a que Jesus se refere não é qualquer coisa sem sentido. Lembremo-nos que Jesus não fez do sofrimento o centro à volta do qual tudo deve girar. Pelo contrário, o sofrimento é simplesmente um meio cuja aceitação e interpretação há-de levar o cristão a dizer, como Ele disse: Pai, em tuas mãos entrego o meu espírito».

Se queremos clarificar qual deve ser a atitude cristã perante a cruz, precisamos, antes de mais, de compreender bem em que consiste, pois pode acontecer que a coloquemos onde Jesus nunca a colocou. Chamamos facilmente cruz a tudo o que nos faz sofrer, inclusivamente a esse sofrimento que aparece na nossa vida gerado pelo próprio pecado e pela nossa maneira equivocada de viver. Não devemos confundir a cruz com qualquer desgraça, contrariedade ou mal-estar que se dá na vida. A cruz é outra coisa. Jesus chama os seus discípulos para que O sigam fielmente e se coloquem ao serviço dum mundo mais humano: o reino de Deus. Isto é importante. A cruz não é senão o sofrimento que nos chegará em consequência desse seguimento; o destino doloroso que devemos partilhar com Cristo se seguirmos realmente os seus passos. Não devemos, então, confundir o «levar a cruz» com posturas masoquistas e com uma falsa mistificação, barata e individualista. Por outro lado, devemos entender correctamente o «negar-se a si mesmo» que Jesus pede para carregar a cruz e segui-l’O. Negar-se a si mesmo não significa mortificar-se de qualquer modo, castigar-se e, menos ainda, anular-se ou autodestruir-se. Negar-se a si mesmo é não viver apenas para si mesmo, é esquecer-se do

próprio “ego” para construir a existência sobre Jesus Cristo. Libertar-nos de nós mesmos para aderirmos radicalmente a ele. Dito doutra maneira: «levar a cruz» significa seguir Jesus disposto a assumir a insegurança, a conflitualidade, a rejeição e a perseguição que o próprio crucificado teve que padecer. O texto refere-se ao tempo entre a morte de Jesus e a sua segunda vinda, no qual se anuncia o evangelho em todo o mundo e os discípulos são chamados a seguir o caminho do Senhor até ao cumprimento do reino. Através de uma cadeia de palavras de Jesus, apresenta-se a exortação ao seguimento, inclusive ao sofrimento, na paixão e na perseguição, mas na perspectiva da glória final.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

Não é fácil entrar no mundo interior de Jesus, mas no seu coração podemos intuir uma dupla experiência: a sua identificação com os últimos e a sua confiança total no Pai. Por um lado sofre com a injustiça, as desgraças e as enfermidades que fazem sofrer tanta gente. Por outro confia totalmente nesse Deus Pai que não quer senão arrancar da vida o que é mau e faz sofrer os seus filhos. Jesus estava disposto a fazer tudo o que torna realidade o desejo de Deus, seu Pai: um mundo mais justo, digno e ditoso para todos. Como é natural, queria encontrar nos seus seguidores a mesma atitude. Se seguiam os seus passos, deviam partilhar a sua paixão por Deus e a sua disponibilidade total ao serviço do seu reino. Queria acender neles o fogo que transportava consigo. Por isso, o pensamento de Jesus é claro. Quem caminha atrás dele, mas continua agarrado às seguranças, metas e expectativas que a sua vida lhe oferece, pode acabar por perder o maior bem de todos: a vida vivida segundo o projecto salvador. Pelo contrário, o que arrisca tudo para O seguir encontrará a vida. Arriscar exige abnegação, renúncia, carregar a cruz.

O caminho doloroso do Messias é também o caminho do discípulo. Não há outro. Dirigindo-se a quantos o seguiam, Jesus assinala as exigências que comporta este caminho. São exigências que valem para todos. Sobressaem três. O discípulo deve em primeiro lugar, negar-se a si mesmo, isto é, converter-se

de raiz, renunciando aos seus próprios critérios humanos para assumir os critérios de Deus, que frequentemente não concordam com os nossos juízos e valores. Em segundo lugar, deve projectar a sua vida numa doação de si e não de querer possuir, ter coisas. Aquele que aposta toda a sua vida pelo “ter” fica empobrecido no “ser”; só uma vida de entrega e solidariedade é vida em plenitude. Em terceiro lugar deve testemunhar sem medo a sua fé, inclusive quando isso acarrete os ultrajes e perseguições. Esta fé há de reger toda a existência do cristão, do discípulo, mesmo na hora de provação.

Reconhecer a sua cruz e carregar com ela, isto é, os esforços, as dificuldades, as opressões, os sofrimentos que cada discípulo deve aceitar com a sua carga particular, deve ser entendida como a “própria cruz” à luz da cruz de Cristo. Cada um deve carregar com ela, mas há-de levá-la com o poder de Cristo. O que nos lembra que o martírio é sempre uma possibilidade real. Os discípulos devem estar dispostos a entregar a vida por Jesus e pelo evangelho. Esta disposição conduz à sua plenitude a dedicação a Jesus e ao seguimento. Por causa de Jesus Cristo e do evangelho, exige-se um compromisso completo e de desprendimento, até ao dom da própria vida. Não se pode viver o compromisso cristão como discípulos medrosos. A fé está viva quando se concretiza em obras; de outro modo está morta em nós, que estamos vivos só de aparência.

Não há aqui espaço para um cristão a medias: em Cristo perdemos para ganharmos. Superamos as nossas coisas, para recebermos tudo de Jesus. Todos somos convidados a tomar a cruz do amor e da entrega para viver uma realidade distinta capaz de vencer os muros da indiferença e da falta de compromisso para sermos doação plena.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

Vamos agora centrar-nos na nossa vida e questionar-nos à luz da palavra escutada. Quem são os verdadeiros discípulos de Jesus? Muitos de nós receberam uma catequese que insistia em ritos, em fórmulas, em práticas de

piedade, em determinadas obrigações legais, mas que deixou para segundo plano o essencial: o seguimento de Jesus. A identidade cristã constrói-se à volta de Jesus e da sua proposta de vida. Que nenhum de nós tenha dúvidas: ser cristão é bem mais do que ser baptizado, ter casado na igreja, organizar a festa do santo padroeiro da paróquia, ou dar-se bem com o padre... Ser cristão é, essencialmente, seguir Jesus no caminho do amor e do dom da vida. O cristão é aquele que faz de Jesus a referência fundamental à volta da qual constrói toda a sua existência; e é aquele que renuncia a si mesmo e que toma a mesma cruz de Jesus.

O que é “renunciar a si mesmo”? É não deixar que o egoísmo, o orgulho, o comodismo, a auto-suficiência dominem a vida. O seguidor de Jesus não vive fechado no seu cantinho, a olhar para si mesmo, indiferente aos dramas que se passam à sua volta, insensível às necessidades dos irmãos, alheado das lutas e reivindicações dos outros homens; mas vive para Deus e na solidariedade, na partilha e no serviço aos irmãos.

O que é “tomar a cruz”? É amar até às últimas consequências, até à morte. O seguidor de Jesus é aquele que está disposto a dar a vida para que os seus irmãos sejam mais livres e mais felizes. Por isso, o cristão não tem medo de lutar contra a injustiça, a exploração, a miséria, o pecado, mesmo que isso signifique enfrentar a morte, a tortura, as represálias dos poderosos. Mas aterremos: poucos aspectos da mensagem evangélica foram tão distorcidos como o chamamento de Jesus a «tomar a cruz». Em Jesus não encontramos o sofrimento que tantas vezes existe em nós, gerado pelo nosso próprio pecado ou pela nossa maneira desacetada de viver. Jesus não conheceu os sofrimentos que nascem da inveja, do ressentimento, do vazio interior ou do apego egoísta às coisas e às pessoas. Há pois um sofrimento na nossa vida (que pode chegar aos 90% do que se sofre) que precisamos de ir eliminando se queremos seguir Jesus. Por outro lado, Jesus não ama nem procura arbitrariamente o sofrimento nem para ele nem para ninguém, como se o sofrimento encerrasse algo especialmente agradável a Deus. É um erro acreditar que alguém segue mais de perto a Cristo por procurar sofrer arbitrariamente e sem nenhuma necessidade.

O que agrada a Deus não é o sofrimento mas a atitude com que a pessoa assume o sofrimento. Jesus, além disso, compromete-se com todas as suas forças em fazer desaparecer o sofrimento no mundo. Toda a sua vida foi uma luta constante por arrancar o ser humano desse sofrimento que se esconde na doença, na fome, na injustiça, nos abusos, no pecado ou na morte.

Quem quiser segui-l'O não pode ignorar os que sofrem. E tomar a cruz é seguir fielmente e aceitar as consequências dolorosas que advirão, certamente, desse seguimento. Há rejeições, padecimentos e danos que o cristão tem sempre que assumir. É o sofrimento que só poderíamos fazer desaparecer da nossa vida deixando de seguir a Cristo. Aí está, para cada um de nós, a cruz que devemos levar, seguindo os seus passos.

5. ORAÇÃO

Concede-nos ó Deus, a sabedoria de coração que nos permita compreender o que nos ajuda no caminho para a eternidade. Faz crescer em nós uma fé sincera que se traduza em obras grandes para ajudar os nossos irmãos. Concede-nos uma fé sólida que nos guie como luz a seguir Jesus, teu Filho, pelo caminho da humildade e do serviço.

TEMA 11

AS TENTAÇÕES DO PODER

1. ORAÇÃO

Senhor Deus, estamos reunidos para Vos louvar e ouvir o recado do céu que tendes para nos comunicar. O recado prende-se com as tentações do poder. A Palavra do vosso Filho, que iremos escutar, tem para nós o mesmo valor de alerta que teve para os apóstolos. Há dois mil anos a pergunta foi muito simples: «Que discutíeis no caminho»? Hoje será assim: «Que preocupações são as vossas? Que assuntos preenchem o vosso coração? A que tentações do poder sois mais vulneráveis?»

Senhor Deus, ajudai-nos a discernir estas questões e criai em nós um coração de criança. PAI NOSSO...

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 9, 33-37**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

O texto agora proclamado é a continuação de uma conversa familiar que Jesus tinha tido com os apóstolos antes de se dirigirem para Cafarnaum, em que lhes tinha dito que «o filho do homem vai ser entregue nas mãos dos homens, hão-de matá-lo mas, três dias depois de ser morto, ressuscitará». Eles não acreditaram em nada do que lhes disse. Nem admira, porque, no conceito

que tinham, o seu Mestre nunca seria condenado, pois não era dos que causasse mal fosse a quem fosse – não dando azo a acções judiciais contra ele. Além do mais, pregava o «reino» e eles bem sabiam que os reis têm poder suficiente para nem sequer serem julgados. Para os apóstolos, era bem melhor que Jesus lhes destinasse um lugar de topo nesse reino, no qual teriam choruda recompensa, já que tinham deixado tudo para O seguir. Ora bem. O ensinamento de Jesus é duplo. Começa com uma *sentença*: «o primeiro que seja o último». Depois, com uma *parábola em acção*: «abraçou uma criança pondo-a no meio deles». A criança é o símbolo dos pobres e dos desvalidos. Com esta *parábola em acção* ensinou que a protecção dada aos pobres e humildes é feita a Ele e ao Pai; e que a grandeza a que há-de aspirar-se é fazer as coisas por Deus.

As tentações do poder – título da reflexão que o texto de S. Marcos nos propõe – são tantas quantas as *ideias que temos de poder* e do *gosto em sermos poderosos e dominadores*. Mas, no caso dos apóstolos, resumem-se a uma: a *tentação do ser* – tentação que se identifica com a soberba, o egocentrismo, o orgulho, o dar nas vistas, a vaidade e ser o centro das atenções. Os apóstolos queriam ser ministros ou secretários de Estado no reino de Jesus. E a discussão que tinham tido no caminho era sobre qual deles seria o maior! Coitados! Ainda não tinham entendido a que missão é que Jesus os tinha chamado. Julgavam ter encontrado ali a salvação material para as suas vidas!

Precisamos, neste momento, de compreender o conceito de *Reino de Deus* e das características que havia de possuir o Rei que governa neste reino, o Messias salvador. Por causa das constantes advertências feitas pelos profetas do antigo Testamento a que o povo judeu vivesse como povo de Deus é que, no tempo de Jesus, corriam diferentes ideias sobre o Messias que viria restaurar o *reino de Israel* (que os apóstolos, naquela altura, identificavam com o *Reino* que Jesus pregava). Os *zelotas* pensavam que o único caminho para viver como povo de Deus era expulsar os romanos, desobedecer a César e negar-se a pagar os tributos. Os *essénios* de Qumran pensavam que era impossível ser-se o povo santo de Deus no meio daquela sociedade corrupta e

que a restauração de Israel devia começar por criar no deserto uma comunidade separada. A posição dos fariseus era outra: achavam que levantar-se contra Roma e recusar o pagamento dos impostos era um suicídio, retirar-se para o deserto, um erro. O único remédio para sobreviver como povo era colaborar politicamente com os romanos e insistir na pureza ritual que os afastava dos pagãos. Ora bem. Pelo que sabemos, Jesus nunca teve em mente qualquer estratégia de carácter político ou religioso. Pelo contrário, o importante era que todos reconhecessem que *Deus é que deve reinar* e entrassem na dinâmica do seu reinado. É natural que a expressão *reino de Deus* suscitasse expectativas e receios na corte do governador Pilatos e nos círculos herodianos, para quem não podia haver outro poder que não fosse o do império romano. Não era esse poder que Jesus proclamava, mas o reino da justiça aos pobres – coisa desconhecida do imperador. *Entrar no reino de Deus* queria dizer construir a vida não à maneira de César, das famílias herodianas e dos ricos da Galileia, mas à maneira de Deus.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

Jesus não ensinou na Galileia uma nova doutrina religiosa nem muito menos se preocupou com novas normas e novas leis morais. Anunciou antes um acontecimento que aquela gente devia acolher com júbilo e com fé: *que Deus age com misericórdia e que todos devemos agir como Deus*. Deus não pode reinar se, primeiro, os homens não fizerem justiça. Se Deus se colocava ao lado dos pobres não era porque o merecessem, mas porque necessitavam – para que também nós ajudemos quem precisa! O reino de Deus é para os pobres, mas os pobres, na Bíblia, não são os sem poder económico, os sem influência, os sem direitos; são os que, sendo isso tudo, confiam absolutamente em Deus. Lembremo-nos que Jesus nunca louvou os pobres de bens materiais pelas suas virtudes nem pelas suas qualidades: provavelmente aqueles camponeses e pescadores da Galileia não eram melhores que os poderosos que os oprimiam, pois também eles abusavam de outros mais débeis e exigiam o

pagamento de dívidas sem nenhuma compaixão. E, quando proclamou as bem-aventuranças, Jesus não dizia que os pobres eram bons ou virtuosos, mas que estavam a sofrer injustamente.

A vida itinerante de Jesus no meio das pessoas simples e pobres da Galileia era um símbolo vivo da sua liberdade e da sua fé no reino de Deus. Não tinha trabalho remunerado, não possuía casa nem terras, não tinha que responder perante nenhum cobrador de impostos, não levava consigo moeda alguma com a efigie de César. Abandonara a segurança do sistema para entrar noutra sistema, o do reino de Deus. A sua vida itinerante ao serviço dos pobres deixava claro que o reino de Deus não tinha um centro de poder a partir do qual tivesse de ser controlado. Não era como o Império governado por Tibério a partir de Roma, nem como o reino da Galileia regido por Herodes a partir de Tiberíades, nem como a religião judaica vigiada a partir do templo de Jerusalém pelas elites sacerdotais. Não estando aqui ou ali, o reino de Deus ia acontecendo precisamente onde aconteciam as coisas boas aos pobres. Mas Jesus nunca explicou directamente em que consistia o reino. Essa metáfora iriam os ouvintes entendê-la quando sentissem a boa notícia de que o Reino era Ele mesmo!

Foi para este estilo de reino que os apóstolos foram chamados. Quem seguisse Jesus não podia esperar recompensas materiais nem servir-se de um título importante. Quem O seguisse tinha de abandonar tudo. Ele próprio assim o tinha feito: abandonou tudo, nada possuía. Jesus iria imprimir às suas vidas uma nova orientação: arrancava-os da segurança para os lançar numa existência imprevisível. Daí em diante viveriam ao serviço do reino. Aquele grupo estava chamado a ser o símbolo do reino de Deus e do seu poder transformador. Mas o reino não é deste mundo e, por isso, os discípulos de Jesus são o resultado de um convite feito *sem explicações, sem objetivos demarcados e sem programa conhecido*. Aprenderiam tudo isso junto d'Ele, pouco a pouco, vendo o que fazia e imitando os seus gestos e acções. Formariam uma família, assente em laços que não os do sangue, uma família inteiramente livre e liberta, sem intuítos económicos. A coisa foi de tal maneira

séria que, quando em determinada ocasião Jesus viu que muitos dos discípulos iam em debandada, perguntou aos apóstolos se também eles queriam ir embora – a que Pedro respondeu: “a quem iremos, Senhor, se só tu tens palavras de vida eterna?”

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

Jesus não denunciava somente aquilo que se opunha ao reino de Deus; sugeria também um estilo de vida mais de acordo com o reino do Pai. Não procurava somente a conversão individual, mas um novo modelo de conduta social. De facto, as desavenças entre famílias, os insultos e agressões, os abusos dos mais fortes, o abandono dos mais indefesos, nada disso correspondia ao reinado de Deus, nada disso poderia ser do agrado de Deus. Jesus convidava a um estilo de vida diferente e ilustrava-o com exemplos que todos podiam entender: era preciso acabar com os ódios entre vizinhos e adoptar uma atitude mais amigável com os adversários e com aqueles que ferissem a sua honra. Deus não podia reinar numa povoação onde os vizinhos, vingativamente, cumprissem a lei de talião: era preciso conter a agressividade [*a quem te bater numa das faces, oferece-lhe a outra*]. Era preciso ter um coração grande para com os mais pobres, pois era preciso parecer-se com Deus [*sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso*]. Era preciso o mútuo perdão e até mesmo o cancelamento das dívidas. E tudo isso não passava de um início, porque o reino de Deus é muito mais. Era já visível, mas só como uma *semente*; um dia havia de fazer-se a *colheita final*. Irrompeu na vida só como o *fermento*; era ainda um *tesouro escondido no campo*.

Chegados a este ponto e recordando que o nosso tema é sobre *as tentações do poder*, será natural que pensemos nos muitos reinos terrenos em que “gostamos de reinar” e no poder que neles costumamos utilizar. Não tenhamos ilusões: nos nossos reinos, *ter poder* é uma aspiração universal. É a nossa tentação de todas as horas. «Se eu pudesse!... Se eu mandasse!...» – e logo imaginamos as muitas coisas que faríamos se fôssemos nós a mandar, mesmo

que fosse só para *pormos na ordem* as pessoas cujas atitudes e acções não condizem com o que queremos, sabemos e julgamos. O *poder* é sempre poder *sobre algo* ou *sobre alguém*. Porém, o poder tanto pode ser bom como mau. O *bom poder* costuma identificar-se com a responsabilidade, com a autoridade (moral e legal) e com a competência. O *mau poder* é a negação de normas, de princípios e de leis, para espezinhar tendências, inclinações, instintos, entronizando como normal o que é psíquica e moralmente *anormal*. Existe no *ter*, no *ser* e no *saber*, com caras distintas mas sempre com o mesmo objectivo: dominar. O *mau poder* está ligado ao *mandar* sem obedecer, ao egoísmo e à soberba, à libertinagem e à ira, à escravização económica e ao domínio explorador, à preguiça e ao afastamento de Deus. Muitas vezes o poder concretizado é tirânico e cruel, denota falta de tacto e de dignidade, é vingativo e ultrajante, e desrespeitador dos direitos dos outros.

Mas, sabendo nós da proposta de Jesus para que haja uma diferente forma de poder, uma diferente forma de reinar identificada com o Reino de Deus – em que o *poder está no serviço* e a *grandeza está na humildade* – sobra-nos uma quantidade de virtudes que teremos de vivenciar. São muitas. Seria bom que as enunciássemos agora! E seria ainda muito melhor se, logo a seguir, identificássemos as muitas situações em que as tentações do poder nos subjugam!

5. ORAÇÃO

Senhor Jesus Cristo, que ensinastes aos apóstolos que o caminho da humildade era o único que os elevava até Deus e lhes propusestes o espírito de liberdade interior como predisposição para sentirem o espírito familiar de entrelajada e felicidade, fazei que o nosso coração se abra ao Reino como uma criança se une ao coração de seus pais, e que nunca a tentação do poder nos leve a subordinar Deus aos nossos caprichos e vontades.

Glória ao Pai...

TEMA 12

SABER ESTAR FRENTE AOS ADVERSÁRIOS

1. ORAÇÃO

Deus nosso Pai, que hoje aqui nos reunistes para escutar a palavra do vosso Filho, iluminai a nossa inteligência com a luz do Espírito Santo e abri o nosso coração, para acolhermos os seus ensinamentos com sabedoria de alma e diligentemente os pormos em prática. Por Cristo Senhor nosso. Amen

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 11, 27-33**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registrará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

Este texto do Evangelho de São Marcos apresenta-nos Jesus no templo confrontado pelos sumos sacerdotes, os doutores da Lei e os anciãos, ou seja, pelas autoridades religiosas do povo de Israel. (Não é a primeira vez que Jesus se encontra no Templo rodeado desta gente importante. Quando tinha doze anos, Jesus estava entre os doutores na altura em que Maria e José O encontraram no templo: cf. Lc 2, 46-47, - mas, então, o contexto era outro e estavam maravilhados com a sabedoria daquele Menino que, colocado no meio deles, os assombrava com a sua sabedoria e inteligência manifestada nas suas respostas).

Trata-se de uma narrativa simples e directa de um episódio da vida de Jesus, mas, para o entendermos melhor, precisamos de recuar um pouco na leitura, até ao princípio do capítulo 11, para nos situarmos no contexto deste episódio.

Estamos nos dias que antecedem a Páscoa judaica, na véspera da qual Jesus instituiria a nova Páscoa da sua morte e ressurreição, como anunciara aos discípulos no caminho de Jerusalém. (Lembram-se dos temas anteriores: 9, 10 e 11?). Jesus acabara de entrar triunfalmente em Jerusalém, aclamado pela multidão que esperava um messias triunfalista e O acompanhava desde a Galileia.

Nesses dias, havia muita gente em Jerusalém. Muitos judeus tinham vindo de lugares distantes, mesmo de cidades estrangeiras para onde tinham emigrado, com familiares e amigos para celebrarem a Páscoa na Cidade Santa. Muitos comerciantes aproveitavam para fazer os seus negócios na esplanada do Templo vendendo os animais para os sacrifícios aos que vinham de longe ou cambiando as moedas, aos que vinham de fora, pela moeda oficial do Templo.

Jesus também tinha ido ao templo. Confrontado com o ambiente profano e a balbúrdia gerada pela multidão junto aos negociantes e cambistas, toma uma atitude drástica de purificação do Templo. Faz um chicote de cordas e corre com toda aquela bicharada e derruba as mesas dos cambistas, denunciando a corrupção e o domínio dos interesses materiais sobre os espirituais, manifestado por todos, desde os chefes do Templo a quem interessavam os dízimos do negócio ali praticado, os negociantes a quem apenas interessava o lucro, até aos peregrinos para quem era muito mais fácil encontrar ali à mão tudo o que precisavam para as suas oferendas. E começa a instruir o povo proclamando a razão da sua atitude: “Não está escrito: *a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos?* Mas vós fizestes dela *um covil de ladrões.*” (Mt 11, 17).

Ficou tudo em polvorosa e todos indignados com Jesus que lhes estava a estragar o negócio. Mas ele não esperou que os indignados chefes do Templo

viesses pedir-lhe explicações, continuou o seu caminho no anúncio da Boa Nova do Reino.

Foi já no outro dia, quando voltou ao Templo, que os chefes, informados e indignados, o encontraram e decidiram pedir-lhe contas do reboiço causado na véspera. Afinal donde Lhe vinha tamanha autoridade para tomar tais atitudes?

Como já vimos, Jesus acabara de chegar aclamado triunfalmente pela multidão como o Messias esperado, a quem queriam fazer rei. Por isso não convinha tomar atitudes drásticas diante da multidão. Desagradar à multidão não era aconselhável. Mesmo assim, Jesus é confrontado por estes que Lhe pedem uma justificação para tal atitude: “Com que autoridade fazes estas coisas? Quem te deu autorização para as fazer?”.

Jesus enfrenta os seus adversários com serenidade e segurança, fruto de uma atitude inteligente e de uma consciência tranquila. Ele agira em nome de Deus, segundo a rectidão e a justiça e o respeito devido à casa de Seu Pai. Não se vislumbra aqui qualquer atitude de hostilidade, arrogância, sobrançeria, agressividade... Nada de negativo.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

“Os sumos sacerdotes, os doutores da Lei e os anciãos aproximaram-se dele”. Estes eram os adversários de Jesus. Estão bem identificados, aliás já não era a primeira vez que confrontavam Jesus por causa das suas atitudes e ensinamentos...

Ao longo da vida de cada um de nós, homem ou mulher, muitas vezes somos confrontados por pessoas, acontecimentos e situações adversas. Para termos uma postura correcta perante os adversários, precisamos, antes de mais, de saber identificá-los. Afinal, quem são os meus adversários? Quem ou que circunstâncias ou acontecimentos se opõem ao meu normal desenvolvimento ou actividade como pessoa ou como cristão?

Alguém que não gosta de mim, que se sente incomodado com a minha maneira de proceder, que não partilha as minhas convicções políticas, sociais ou religiosas e se opõe a elas?

Algum mal-estar físico ou espiritual que me impede de rezar, me dificulta a concentração e a meditação ou me complica a relação com os outros?

Será a tentação que me afasta do caminho da rectidão e da verdade? Será o demónio que me quer arrebatar da mão de Deus? Serei eu mesmo com o meu temperamento e os meus defeitos não controlados que luto dentro de mim por uma vida mais perfeita, mais autêntica, mais conforme à vontade de Deus?

Quem é o meu adversário ou adversários? Só depois de identificado/os é que poderei enfrentá-lo/os e responder eficazmente, seja qual for a sua natureza.

Jesus respondeu: “Também vos farei uma pergunta...”

Confrontado pelos seus adversários, Jesus não vira as costas. Pelo contrário, escuta-os e responde-lhes com sabedoria e inteligência, liberto de toda a subserviência. A sua consciência recta dá-lhe liberdade para agir com autoridade. A sua sabedoria dá-lhe segurança nas suas acções e atitudes. Ele sabe o que está a fazer, sabe do que está a falar. “Está escrito: *a minha casa será chamada casa de oração para todos os povos...*”

Também nós, como cristãos, temos uma “casa de oração”, a nossa igreja. Todas as igrejas que se multiplicam por esse mundo fora... desde as imponentes catedrais das grandes cidades até à mais humilde capela perdida no meio da charneca ou no alto do monte, todas foram construídas para serem casas de oração.

Já vai longe o tempo em que estavam sempre abertas e qualquer um podia entrar e fazer a sua oração no recolhimento proporcionado pelo silêncio e a penumbra do seu interior... Então como hoje, nelas se têm celebrado os grandes acontecimentos da vida cristã, desde o nascimento à morte, bem como as grandes solenidades do culto divino, às vezes na dispersão da muita luz e do muito ruído.

“Mas vós fizestes dela *um covil de ladrões.*”

Convém interrogarmo-nos sobre o uso que damos às nossas igrejas e como nos comportamos dentro delas! É que, afinal, não foram construídas para museus, passereles, expositores, estúdio fotográfico ou, simplesmente, para turista ver...

A atitude do cristão dentro da igreja, a sua postura o seu trajar, deve levar os seus irmãos ou até os turistas (porque não?), a terem comportamentos adequados ao lugar sagrado em questão, que pode ser admirado preservando sempre o respeito e a dignidade do seu fim primário: ser casa de oração.

Neste contexto, convém não esquecer aquela achega de São Paulo na Carta aos Coríntios: “*Não sabeis que sois templo de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós?*” (1Cor 3,16). Isto lembra-nos o respeito que devemos ter pelo nosso próprio corpo e pelo das outras pessoas e a dignidade de cada ser humano criado à imagem de Deus, para ser habitado pelo próprio Deus.

4. PARA ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

Importa agora olhar cada um para si mesmo e questionar-se.

Qual a minha primeira atitude quando entro na igreja?

Preparo-me para as situações adversas estudando a palavra de Deus a fim de enfrentar com sabedoria os adversários?

Evito em mim aquilo que critico nos outros?

Procuro que a minha igreja esteja bem cuidada e limpa?

Ao encontrar-me com alguém, lembro-me que ambos somos templo de Deus, isto é, que em qualquer de nós deve transparecer esta presença?

5. ORAÇÃO

Senhor Jesus, ao terminar o nosso encontro, agradecemos-te por nos teres ensinado a dignidade da nossa igreja como espaço sagrado e o respeito que devemos ter por ela. Ajuda-nos a saber cuidá-la e conservá-la como o lugar

privilegiado do encontro contigo e a levar-te em nós, como Maria, a cada um daqueles que encontrarmos.

Tu que vives e reinas pelos séculos dos séculos. Amen

TEMA 13

O DIÁLOGO COM TODOS

1. ORAÇÃO

Senhor Jesus, não é fácil ter o sentido verdadeiro das coisas. As opiniões são sempre muitas e controversas. Tu que “deste a conhecer Deus Pai, através do diálogo que estabeleces connosco” (cf. DV6) e com a humanidade, concede-nos o Espírito da verdade para que ilumine os nossos pensamentos e o nosso coração de modo a crescermos na fé, a conhecer-Te como Mestre e Senhor e a compreendermos o Teu Evangelho.

Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor. Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra...

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 12, 13-17**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

Jesus encontra-se em Jerusalém. É a última semana da sua vida terrena. Voltou à esplanada do Templo, onde começa o confronto directo com as autoridades. Os capítulos 11 e 12 descrevem-nos os diversos aspectos deste confronto. Entra em ruptura, primeiro, com os vendedores do Templo (Mc 11, 15-19; depois, com os sumos sacerdotes, os escribas, os doutores da Lei e os

anciãos (Mc 11, 27 a 12,12); também com os fariseus e os herodianos (Mc 12,13-17); com os saduceus (Mc 12, 18-27) e, por fim, novamente com os escribas (Mc 12, 28-40). No final, após este confronto, Jesus comenta a oferta da viúva (Mc 12,41-44). O evangelho proclamado hoje narra uma parte do confronto com os fariseus e herodianos. Este pequeno diálogo põe-nos de sobreaviso para um esquema bem urdido de apanharem Jesus no que dissesse, já que havia muito tempo que as maquinações para O condenar estavam em jogo. É por isso que os fariseus lhe enviaram discípulos seus juntamente com partidários de Herodes – pessoas politicamente antagónicas entre si. É irónico verem-se juntos tais inimigos: de um lado, os fariseus – opositores a Roma, mas defensores do Templo e da nação judaica; do outro, os partidários de Herodes – indiferentes para com os judeus, mas favoráveis à ocupação romana. A pergunta encerrava um problema moral para qualquer judeu de consciência recta, pois induzia à obediência ao poder civil num país teocrático. Israel era uma teocracia! Pagar um tributo a outro que não fosse o representante de Deus era renunciar à teocracia. A pergunta capciosa era, por isso, de gravidade extrema. Se Jesus dissesse que ‘não’, tinha de se haver com os romanos, ali representados pelos apoiantes de Herodes! Se dissesse que ‘sim’, expunha-se a três perigos: o de submeter a teocracia ao poder de César e de Roma; o de aprovar a acção dos cobradores de impostos – odiados e vistos como pecadores e publicanos; e o de ser posto em contradição consigo mesmo ao admitir ingerências estrangeiras no reinado messiânico. Todos estes confrontos ajudam os discípulos e a todos nós a compreendermos qual o projecto de Jesus, como devemos reagir com os homens do poder e como dialogar com eles. A concórdia vem pelo diálogo e é uma virtude tipicamente cristã. A polémica é, com certeza, fruto da falta de diálogo e de confiança entre os interlocutores. Cada um defende as suas razões sem escutar as dos outros.

Descubramos, agora, os homens do poder intervenientes no diálogo com Jesus: fariseus e herodianos. Os fariseus lutavam para que o povo, através da observância perfeita da lei da pureza, chegasse a ser puro e santo, como prescrevia a Lei e a Tradição. Graças ao testemunho exemplar que davam

dentro das normas da época, governavam grande parte das aldeias e cidades da Galileia. Os herodianos eram um grupo atrelado a outro homem do poder Herodes Antipas que governava, na altura, a Galileia. Os herodianos faziam parte da elite judaica que não esperava o Reino de Deus no futuro, mas que o considerava já presente no reino de Herodes.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

A moeda que lhe mostram tem a efígie do imperador romano César Augusto, porque a moeda em voga era romana. Usando essa moeda, os judeus reconheciam *de facto* o domínio de César sobre eles, ainda que o não aceitassem *de direito*. Jesus teve em consideração esse procedimento quando disse que se desse a César o que pertencia a César. Mas a resposta foi mais abrangente porque fez referência ao imposto então cobrado a favor do Templo – imposto tipicamente judaico, recebido em moeda judaica ou grega, no valor de meio *siclo* ou duas *dracmas*. Mateus fala-nos desse imposto (Mt. 17, 25-28) quando relata que um cobrador, em Cafarnaum, pergunta a Pedro se “o Mestre não paga a *didracma*” – pagamento logo efectuado com o *estáter* que Pedro retirou de um peixe por ele pescado. Pois bem, o ensinamento de Jesus é este: já que, *de facto*, se tem de dar a César o que é de César, que também se dê a Deus [ao Templo] o que é de Deus, não por mero imperativo religioso, mas especificamente por exigência teocrática. De facto, a resposta de Jesus pretendeu a conjugação de dois procedimentos complementares, nunca a separação de poderes.

Olhemos agora para nós mesmos e confrontemos a nossa vida com o texto escutado. Quem de nós não foi já confrontado com ideias, pontos de vista e opiniões?! As pessoas confrontam-se na defesa dos seus interesses. O confronto faz parte da técnica do diálogo, que respeitando as suas regras, ajuda na resolução de conflitos. Por vezes, somos provocados com perguntas cínicas, outras são autênticas armadilhas. Quando se faz uma pergunta é porque queremos saber. Mas quando se duvida ou desconfia da pessoa que vai dar a

resposta, colocamos reservas ou fazemos perguntas “rasteiras”. Assim se encontrou Jesus diante de grupos de pessoas que vinham ter com Ele, não para querer saber, mas para provocar. Procuravam motivos para O acusar. Jesus, com toda a sabedoria, perante a pergunta sobre o imposto que devia ser pago ou não a César, responde: “A César o que é de César e a Deus o que é de Deus”. (Mc 12,17) Jesus percebeu a sua hipocrisia. Neste diálogo, Jesus não perde tempo com discussões inúteis e vai directo ao assunto. Ele não quer fazer política ou ser fiscal de finanças, mas quer falar de outra coisa, levando aos seus interlocutores uma provocação positiva. Se chegaram junto d’Ele com questões maliciosas e dúbias, agora apresenta-lhes uma provocação afirmativa bem centrada: “A Deus o que é de Deus”. O que pertence a Deus é o coração humano. Quando nós escolhemos Deus como o tudo das nossas vidas, quando Jesus for o Senhor das nossas escolhas e decisões ser-nos-á possível fazer as devidas escolhas como cidadãos. As nossas decisões serão marcadas pela justiça, honestidade e verdade, não esquecendo que pela hipocrisia negamos a Deus o que Lhe é devido. O fermento destes fariseus e herodianos cegava os discípulos (Mc 8,15).

“Dai a César o que é de César”. O cristão, pela fé, vive comprometido no diálogo e na construção da cidade dos homens e no acabamento da obra de Deus, tornando-se co-criador e pedra viva na construção. A história é o oitavo dia da criação; e pelo trabalho humano, as realidades tributam a Deus toda a honra e louvor. Dando a César o que é de César, o cristão dará a tudo o sabor de Cristo, como fermento na massa. Dar ao imperador o que é do imperador e a Deus o que é de Deus é o nosso desafio. Não há mal no pagamento dos impostos devidos, embora a carga fiscal nos dias de hoje seja quase insuportável e nos custe desembolsar, mas Deus é o meu Senhor: “Se não conhecemos a Deus em Cristo e com Cristo, toda a realidade se torna um enigma indecifrável; não há caminho e, ao não haver caminho, não há verdade” (Bento XVI) No nosso diálogo com os outros, somos chamados a ser sóbrios para não cairmos na hipocrisia e usemos a moeda do amor de Jesus Cristo. Ele considera, e nós também, todas as autoridades dignas de respeito,

desde que os seus actos sejam de justiça, paz e solidariedade, principalmente com os mais necessitados.

Quantas situações conflituvas no seio da nossa sociedade, manifestações mais ou menos pacíficas, corrupção... exigem de nós, cristãos, uma resposta activa, corajosa e firme. A libertação que Cristo veio trazer não consiste em mudanças políticas e sociais, mas na reforma das vidas e corações que poderá conduzir a mudanças políticas e sociais. Mas tudo deverá começar pelas nossas opções: Deus em primeiro lugar. Feita esta escolha todas as outras podem ser bem-feitas.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

- Alguma vez, como aconteceu com Jesus, te sentiste controlado (a) pelas autoridades do teu país, em casa, entre os teus familiares, no emprego, na Igreja? Qual foi a tua reacção?
- Como te sentes quando pagas os impostos?

5. ORAÇÃO

Deus da sabedoria e do diálogo, tudo quanto existe vos pertence. Ajudai-nos a conhecer e cumprir a vossa vontade para melhor discernirmos as nossas decisões, a fim de que a esperança do “novo Céu e nova terra” não esmoreça em nós e que os poderes públicos destinem os impostos para o bem comum, dando prioridade á solidariedade para com os mais necessitados. *PAI NOSSO*

TEMA 14

A PRIMAZIA DO AMOR

1. ORAÇÃO

Lembro-me, Senhor, daquele dia em que estava calado... até ao momento em que o meu pai me perguntou: «Filho, tu amas-me?» Eu respondi: «Claro, pai. Claro que te amo muito». Então ele disse-me: «Dizes que me amas muito; contudo, não sabes o que necessito. Se verdadeiramente me amasses, sabê-lo-ias». Não me atrevi a rebatê-lo e ele voltou a calar-se. Aí, eu compreendi que amar os homens significa conhecer as suas necessidades e unir-me aos seus sofrimentos. Senhor, preciso de Te conhecer melhor para Te amar mais. Mas preciso também de conhecer melhor os meus irmãos necessitados para mais os amar. Ajuda-me.

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 12, 28-34**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

Jesus está há três dias em Jerusalém. Depois de ter entrado triunfalmente, expulsa os vendilhões do Templo (Mc 11, 15-18). Esse gesto comprometeu definitivamente o seu relacionamento com as autoridades. Os sumos sacerdotes, os escribas e os anciãos estudam o modo de apanhar Jesus em falso: fazem-lhe perguntas manhosas e pesam cada uma das suas palavras, com

a intenção de encontrar um pretexto para o poderem acusar e condenar à morte. Enquanto Ele circulava pelo Templo, aproximaram-se d'Ele e colocaram-Lhe uma série de questões de carácter religioso e político, às quais Jesus respondeu pacatamente e com muita sabedoria, de modo que até os Seus adversários ficaram surpreendidos e admirados, como nos podemos aperceber ao longo dos capítulos 11 e 12 deste Evangelho.

É neste contexto de hostilidades e disputas que Marcos insere o relato deste encontro entre Jesus e o Escriba, um conhecedor da Lei, profundamente admirado com a sabedoria que Jesus demonstrou no tocante às várias questões que Lhe foram colocadas (a respeito do tributo a César e da ressurreição dos mortos). Este Escriba aproxima-se d'Ele com um ânimo aberto e leal e também ele lhe faz uma pergunta: «*Qual é o primeiro de todos os Mandamentos?*», ou seja, onde se encontra a centralidade da Lei de Deus e como conseguimos centrar a nossa vida em Deus? É que, estudando as Sagradas Escrituras, os Rabinos tinham encontrado 613 mandamentos, dos quais 365 eram preceitos negativos (tantos quantos os dias do ano) e 248 preceitos positivos (como os membros do corpo humano). Então, discutia-se se seria possível resumi-los. Alguns Rabinos não queriam ouvir falar de tal proposta. Conta-se que, um dia, o Rabino Shammai correu à pancada um pagão porque, tendo pressa de se tornar judeu, lhe pedira uma síntese da Lei de Deus. Rabinos mais razoáveis, afirmavam que os pobres da terra nunca poderiam aprender sequer todos esses preceitos, quanto mais observá-los. Muitos mestres afirmavam ainda que o mais importante dos mandamentos era a observância do Sábado; outros, por sua vez, consideravam que o principal era o que impunha que não houvesse outros deuses ou que se não fizesse aos outros o que se não quer que seja feito a si próprio; ou ainda outros, como afirmava o Rabino Simão, o Justo: «o mundo apoia-se em três coisas: a lei, o culto e as obras do amor».

Qual seria, então, a posição de Jesus acerca deste assunto tão debatido e com tão variadas interpretações? Na resposta ao seu interlocutor, Jesus resume «o primeiro de todos os mandamentos» no «amor a Deus» e no «amor ao próximo». O escriba manifesta o seu assentimento à resposta de Jesus

reafirmando essa mesma convicção, recordando assim aos ouvintes, que aquilo que torna sensata a vida humana é precisamente a experiência do amor como valor absoluto e, por fim, recebe de Jesus um encorajamento implícito que vença qualquer hesitação e acolha o anúncio do Reino, pois vai encontrar a força e a motivação para amar a Deus com todo o coração.

Jesus simplifica esta multiplicidade de regras, levando-as ao essencial: responde com a mais conhecida das orações de Israel, que é recitada três vezes ao dia pelos judeus: *«Escuta, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás o Senhor Teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma, com todo o teu entendimento e com todas as tuas forças»* (Dt. 6, 4ss). E, sem que ninguém lhe pergunte nada, acrescenta que há um outro semelhante a esse: *«Amarás o teu próximo como a ti mesmo»* (Lev. 19, 18). No fundo, Jesus convida o homem a não se colocar no labirinto dos preceitos, porque a essência da vontade de Deus é simples e clara: amar a Deus e amar os homens.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

A resposta de Jesus à pergunta do Escriba torna-se particularmente provocadora no contexto actual, em que muitos cristãos mostram uma incerteza denunciante de que ainda não escolheram nem decidiram sobre o que é mais urgente e fundamental nas suas vidas; ainda não aceitaram, na sua totalidade, que somente Deus é a causa digna, na qual se podem investir todos os recursos próprios da vida humana, a única causa pela qual vale a pena gastar a vida. E porquê? Porque aceitar e aderir a Cristo, viver a radicalidade do Evangelho – o Amor – exige, como o próprio Jesus disse, o *entendimento*, exige fazer uma escolha ponderada, consciente e vivida coerentemente. Quem não dedica tempo ao estudo deste manancial, que é a Palavra de Deus, e quem não se interessa por conhecer os fundamentos e as razões da fé que professa e vive, bem como as raízes da Igreja que ama e serve na vida dos seus irmãos, não pode afirmar que ama a Deus, porque, como disse Santo Agostinho, *ninguém ama aquilo que não conhece*.

O que significa, pois, para os nossos tempos e, para nós, concretamente, viver o primeiro mandamento: *amar a Deus*?

Na óptica da Sagrada Escritura, significa escutar a Deus com todo o coração e com todo o entendimento, confiando na Sua fidelidade e nas Suas promessas, para que cada um viva a Santidade, dom e vocação de todo o batizado, submetendo a sua vida à Sua Palavra, tal como aparece na oração do *Shemá*. Este *amar a Deus* brota da experiência do sentir em nossas vidas o Seu rosto Paterno, que nos ama com ternura infindável, com amor absolutamente gratuito e com uma misericórdia sempre à espera do nosso derradeiro encontro com a Sua salvação.

Amar a Deus significa também saborear e viver a gratidão por ter reconhecido que as Sua promessas correspondem ao nosso desejo mais íntimo e profundo de nos sentirmos amados; é reconhecer que os muitos pequenos compromissos a que somos chamados e os muitos chamamentos que preenchem a nossa vida são unificados por uma vocação especial, que dá sentido a tudo o que somos e fazemos e que Teresa de Lisieux, resume na seguinte afirmação: «*Encontrei finalmente o meu lugar. Fostes Vós, ó meu Deus que mo destes. No coração da Igreja, minha Mãe, eu serei o Amor! E, por fim, eu serei tudo!*» ou, nas palavras de Papa João Paulo I, «*quem ama a Deus deve embarcar na sua nau, disposto a seguir a rota proposta pelos Seus mandamentos, pelas directrizes de quem o representa e pelas situações e circunstâncias que Ele permite*».

Se foi importante pararmos um pouco e meditarmos *com todo o entendimento* o que é e como se manifesta o amor a Deus, será fundamental compreendermos com a mesma inteligência o que é e como se manifesta o amor ao próximo.

O Levítico diz que o próximo é o estrangeiro que deixa a sua terra e parte à procura de uma vida melhor, exigindo que «*o estrangeiro que reside connosco será tratado como um dos compatriotas*». Por sua vez, alguns rabinos, referindo-se ao Livro do Génesis, afirmam que o termo “próximo” incluía todo

o Povo de Israel. Jesus, pondo fim a todas as discriminações, declara que o próximo é todo aquele que se encontre ao nosso lado e em necessidade...

Então, «*amar o próximo*» significa estar diante de cada homem como diante de Deus, com aquela mesma pureza desinteressada e incondicional (*Quando é que Te vimos com fome ou Te demos de comer ou com sede e Te demos de beber?* E a resposta surge imediatamente: *Cada vez que o fizestes a um dos teus irmãos mais pequeninos a Mim mesmo o fizestes*); significa acolher cada homem simplesmente por ser homem, apesar das diferenças culturais, raciais, psíquicas ou mesmo religiosas; significa prever os seus desejos e descobrir aquelas necessidades que ninguém pensou (alimentos, roupa, assistência, instrução e tudo o que é necessário para se viver com dignidade e sem discriminações) e atribuir maior entrega a quem menos tem... No fundo, amar o próximo é comprometer-se com o outro, pois a raiz deste amor ao próximo está no amor a Deus, que, por sua vez, é resposta ao amor que Deus tem por cada um de nós.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

Há uma ideia muito forte neste excerto do Evangelho e que pode resumir-se numa expressão, que fala por si: *unidade de vida*. Sim, é impossível distinguir o amor a Deus e o amor ao próximo, pois o próximo é imagem de Deus... Nesta linha, também é impossível separar o que “fazemos” a Deus e o que fazemos ao próximo. A nossa oração, a nossa piedade, a participação activa na Eucaristia ou a caridade – se a entendermos como o reconhecimento de cada homem como filho de Deus, dotado de dons misteriosos da Graça, que permite acolher alguém que sofre como um irmão, que dá e que recebe – são todos eles actos de amor para o Deus que dizemos e queremos amar acima de todas as coisas.

Esta unidade de vida exige um amor apaixonado pelo mundo, pelo lugar onde vivemos e pela vida que nos é dada viver todos os dias, acreditando que o mundo é o nosso céu e a rua a nossa cela, tornando-nos verdadeiros

contemplativos no meio do mundo, na confiança e na fidelidade de filhos, ainda que não entendamos completamente os acontecimentos pelos quais passamos... Assim fez Teresa de Calcutá, João Paulo II, João de Deus e D. Manuel Mendes da Conceição Santos.

A relação entre o amor a Deus e ao próximo, ou seja, entre a contemplação e a acção, o mesmo é dizer, entre a oração e o compromisso prático é o que faz de nós verdadeiros cristãos. Aprender o Amor a partir do Coração de Deus faz-nos ser homens, fazendo-nos próximos do outro, meu irmão. Foi assim que Jesus amou...

5. ORAÇÃO

Bendito sejas, Deus, Senhor e autor da Vida, Vida e eterna Beleza. Bendito sejas por tudo o que vive e é reflexo da Tua beleza e da Tua sabedoria. Bendito sejas por nos teres chamado a ser teus colaboradores conscientes na contínua obra de criação e de redenção.

Tu és o nosso Pai! Concede-nos o amor para que, fiéis ao Teu mandamento, possamos amar-Te com um amor indiviso, buscando-te em todas as situações. Ensina-nos a amar-Te *com todo o entendimento*: ilumina a nossa inteligência para que, livres da dúvida e da vã presunção, saibamos descobrir o Teu desígnio de salvação na história e nas circunstâncias mais variadas da minha vida quotidiana.

Faz, Senhor, com que te amemos *com todas as forças*, consagrando-Te a Ti e ao Teu serviço as nossas capacidades e as nossas limitações, as nossas acções e as nossas impotências. Ajuda-nos, Senhor a amar-te em cada irmão que colocas no nosso caminho e a quem Tu foste o primeiro a amar até ao sacrifício do Teu amado Filho, crucificado no alto do Calvário. Que essa Sua entrega eterna nos dê a força e a alegria para nos diminuirmos para que Tu cresças, pois só Tu és o Amor, que vive e reina por todos os séculos dos séculos. Amen.

TEMA 15

AS PROVAÇÕES DOS DISCÍPULOS

1. ORAÇÃO

Senhor Jesus,

Nós Te bendizemos e louvamos porque nos convocaste novamente para acolhermos a Tua Palavra. Trazemos connosco as nossas apreensões e os nossos cansaços perante as dificuldades da vida, mas também a fortaleza e a coragem que nos vem de Ti. Ensina-nos a estar contigo durante as provações, a sermos tuas testemunhas e a proclamarmos a Tua Sabedoria. Abençoa, Senhor, este nosso encontro e ilumina-nos interiormente para Te vermos no meio de nós. Tu que és Cristo, e com o Pai vives e reinas na unidade do Espírito Santo. Amém.

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 13,9-13**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

O Evangelho de São Marcos apresenta-nos Jesus de Nazaré como Verdadeiro Messias que, pela sua Morte e Ressurreição, mostrou ser o Filho de Deus. A todos Ele possibilita a salvação, «pois o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate por todos.» (Mc. 20, 45).

O trecho que escutamos insere-se na secção que apresenta Jesus a exercer o Seu Ministério em Jerusalém (11, 1 – 13, 32) no contexto do Sua última subida àquela cidade pela estrada de Jericó a fim de aí viver a Sua Paixão, morte e Ressurreição.

São Marcos (13, 2-37) utiliza uma linguagem apocalíptica, servindo-se de imagens cósmicas pavorosas, dramáticas e desconcertantes. Apresenta, assim, acontecimentos e épocas que se sobrepõem e misturam, tais como a destruição do templo, a ruína de Jerusalém e as primeiras perseguições dos discípulos de Jesus.

Este discurso vale para todos os tempos difíceis da Humanidade e no seu centro está o acontecimento mais relevante da História, a última vinda do Filho do Homem, que aparecerá como Libertador para os seus eleitos (v. 24-27), pois Ele é o único Senhor da História e há-de fazê-la terminar quando quiser.

As perseguições desencadeadas contra os eleitos, descritas por São Marcos, são sinais que apontam para a última vinda do Senhor e oferecem aos seus discípulos a ocasião para que eles sejam verdadeiras testemunhas do Evangelho (Lc 24,49 e Act 1,8). Assim, porão em risco a própria vida, sofrendo acusações dos chefes, a traição dos familiares e o ódio de todos. Porém não deverão preocupar-se sobre o modo como defender-se, porque Deus será a sua defesa através da sabedoria interior que os anima (Jo. 15, 22 - 27).

O Senhor adverte que, antes da Sua última vinda «deve proclamar-se o Evangelho a todas as nações». De facto, perante as perseguições e as hostilidades, os cristãos devem prosseguir a sua missão evangelizadora, aproveitando todas as circunstâncias para anunciar o Evangelho. O testemunho da certeza que o Senhor está presente na hora da provação será uma eloquente proclamação do Evangelho. Será Ele que falará no coração dos crentes perseguidos e será Ele a sua força. Ao retribuir, com o Amor de Deus, o mal que lhe é feito, o cristão proclama já presente o Cristo que há-de vir.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

1. Vigiar é, antes de mais, despertar da inconsciência. Vivemos o sono de ser cristãos quando na realidade não poucas vezes os nossos interesses, atitudes e estilo de viver não são os de Jesus. Este sono impede-nos de buscar a nossa conversão pessoal e a da Igreja. Vigiar é viver atentos à realidade. Escutar os gemidos dos que sofrem. Sentir amor de Deus à vida. Viver mais atentos à sua presença misteriosa entra nós. Sem esta sensibilidade não é possível caminhar seguindo os passos de Jesus. Por vezes vivemos imunizados aos chamamentos do evangelho. Temos coração, mas endureceu-se; temos ouvidos mas não escutamos o que Jesus escutava; temos olhos mas não vemos a vida como Ele a via nem olhamos as pessoas como Ele olhava.

2. As perseguições são uma oportunidade para que a Igreja dê testemunho da sua Fé, em toda a parte. Pela sua fidelidade aos critérios e valores de Jesus Cristo, os cristãos têm experimentado a calúnia e até o ódio. Também em nossos dias isso vai acontecendo, e não somente lá longe, mas bem perto de nós, talvez até mesmo nas nossas famílias. Perante o sofrimento dos fiéis perseguidos, a presença de Deus não significa que o Cristão não deva sofrer dano algum, mas que todo o sofrimento será recompensado e nada será perdido. Perante as dificuldades encontradas pelos seus discípulos, Jesus garante a sua presença: «Não se perderá um só cabelo da vossa cabeça. Pela vossa constância é que sereis salvos.» (Lc. 21, 18-19).

3. O Senhor preveniu os seus discípulos de que não poderiam contar com amizades infalíveis e inatacáveis, com a protecção de poderes humanos influentes e aptos a defendê-los e a protegê-los, pois «o irmão entregará à morte o seu irmão, e o pai, o seu filho; os filhos hão-de erguer-se contra os pais e causar-lhe a morte. E sereis odiados por todos, por causa do meu nome.» (Mc. 13, 12-13). Percebemos, através desta catequese do Divino Mestre, que ao termos aceitado a escolha do Senhor, pertencendo-lhe como seus discípulos,

passamos a partilhar do seu cálice amargo, tocando-nos também a nós dar testemunho da Verdade.

4. As palavras de Jesus apresentam-n’O como nossa segurança: «Quando vos levarem para serdes entregues, não vos inquieteis com o que haveis de dizer; dizei o que vos for dado nessa hora, pois não sereis vós a falar, mas sim o Espírito Santo». (Mc. 13, 12). A perseverança é o documento identificador do cristão, conjuntamente com a serenidade que provém da promessa de Cristo: «Felizes sereis, quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o género de calúnias contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque grande será a vossa recompensa no Céu, pois também assim perseguiram os profetas que vos precederam.» (Mt. 5, 11-12).

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

1. Não é fácil em nossos dias ser cristão no meio do mundo. Testemunhar Cristo exige a nossa coerência face aos critérios evangélicos. O divórcio entre a vida e a fé é a falência dessa coerência esperada dos discípulos de Cristo. O anonimato encobre a exigência desta coerência. Por isso surgem cristãos que reduzem a sua Fé a um aspecto intimista e particular das suas vidas, evitando comprometer-se com a comunidade paroquial ou com qualquer movimento ou comunidade eclesial, não rezando publicamente para não denunciarem a sua Fé, evitando assim as consequentes exigências da coerência cristã.

Por tudo isto, impõe-se que nos perguntemos se estamos assumidamente integrados na comunidade paroquial! E se temos vergonha ou respeito humano de testemunhar em público, por actos ou por palavras, a nossa Fé!

2. Percebemos pela meditação da Palavra que só Deus é definitivamente o nosso sustentáculo e a nossa força. O Senhor advertia-nos que todos poderão falhar, que poderão colocar-se inesperadamente contra nós, só Ele nunca nos abandonará e será a nossa recompensa. Será na escuta, meditação e oração da

Palavra de Deus e no Alimento Eucarístico que robusteceremos a nossa fidelidade e alimentaremos a nossa Esperança.

De facto, não podemos ser cristãos *solitários* mas *solidários*, precisamos de nos vincular à comunidade cristã, porque é lá que nos encontramos com o Senhor, nossa força, pois «onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome Eu estarei no meio deles».

Qual a minha relação pessoal com a Palavra de Deus, quer em comunidade, quer na oração pessoal? Nutro a minha Fé na Eucaristia? Qual o seu valor na minha vida?

3. Muitas vezes encontramos-nos com Cristo no sofrimento dos irmãos. Testemunhamos a nossa Fé também no nosso empenhamento cívico em favor dos grandes valores apresentados pelo cristianismo: A Vida, a Família e a Solidariedade? Já algum elemento do grupo, alguma vez, experimentou a discriminação e a perseguição pelo facto de assumir atitudes cristãs?

5. ORAÇÃO

A Palavra que escutámos e meditámos consciencializou-nos que só no Senhor podemos confiar absolutamente. Ele nunca se contradiz e nunca nos abandona. Ele é a nossa força e a nossa Paz. Por isso vamos concluir o nosso encontro com um momento de oração:

Senhor, nós Te louvamos porque, nas dificuldades, quando experimentámos oposições à nossa Fé, Tu mostraste a Tua presença e de Ti nos veio a serenidade e a fortaleza. Iluminaste a nossa mente e pela Tua Palavra ajudaste-nos a discernir os caminhos da fidelidade e da perseverança.

TEMA 16

A FÉ EM JESUS CRUCIFICADO

1. ORAÇÃO

Senhor Jesus: Eis-nos aqui disponíveis para acolher a tua luz como fruto da Palavra e da comunhão dos irmãos com quem caminhamos nesta experiência de fé. Imploramos o teu Espírito divino para que derrame sobre nós as suas graças e bênçãos; que destrua as nossas resistências e respeitos humanos que impedem a comunhão entre nós; que purifique o nosso coração e a nossa mente com a suavidade da sua presença; que abra o nosso entendimento para acolher a mensagem do Senhor crucificado que deu a vida por nós, para a redenção dos nossos pecados. Dá-nos, Senhor, a força para os desafios da Cruz de cada dia. Por vezes, falta-nos a coragem e quase nos sentimos esmagados sob o seu peso. Quantas vezes pensamos que já não somos capazes! Só a fé no mistério da tua paixão redentora nos dá as graças que precisamos para, em cada dia, vivermos segundo o teu amor! Deus do perdão e da paz: Dá-nos a tua luz e cantaremos eternamente a tua misericórdia. *Ámen!*

2. LEITURA DA PALAVRA DE DEUS

Proclamação: **Mc 15, 33-41**

O texto deverá ser proclamado calmamente por um bom leitor. Antes, porém, cada um registará o texto na sua Bíblia, para, após a proclamação, o ler individualmente, em silêncio, e assim interiorizá-lo. A Bíblia deverá estar fechada enquanto se faz a proclamação da leitura.

O centro da nossa fé é Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. É verdade que são muitos os conteúdos que compõem a fé cristã e a tornam mais bela e luminosa mas, no coração do que acreditamos está o mistério da Páscoa do Senhor Jesus que deu a vida por nós e, ressuscitando, venceu a morte e restaurou a nossa vida. Podemos ter muitas devoções e práticas de piedade, podemos ter as nossas preferências espirituais mas Jesus Cristo morto e ressuscitado é a razão central da nossa fé.

O texto que acabámos de escutar, coloca-nos perante o momento decisivo da missão de Jesus entre nós. Jesus veio para dar a vida pelo seu povo e a sua morte na cruz realiza o sentido da sua missão. Debrucemo-nos sobre o significado da sua morte na cruz para tomarmos mais consciência do que significa a nossa fé em Jesus Cristo crucificado.

A fé consiste em acreditar não só no que os nossos olhos vêem mas no mistério que se esconde para além das realidades presentes. Olhando o que se passou no Calvário, poderíamos ser levados a observar unicamente o cenário de horror que se patenteava com a crucifixão de três condenados à morte de cruz. Mas o horror daquela visão convidava a olhar mais profundamente para descobrirmos a revelação do amor. Muitos ficaram no horror daquela visão; outros perceberam que o que se manifestou na cruz foi a maior prova de amor da história da humanidade.

A história da morte de Jesus de Nazaré na cruz revela uma história de três entregas fundamentais. De facto, na cruz, não é só Jesus que se entrega. A cruz é o lugar da entrega do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A fé cristã é trinitária, isto é, acreditamos que Deus é Pai, Filho e Espírito Santo e é na cruz que a Santíssima Trindade se revela na sua verdade mais sublime.

A cruz revela a entrega do Pai. O amor de Deus manifestou-se ao longo de toda a história da salvação de muitos modos mas culminou na encarnação do Verbo na plenitude dos tempos. De facto, como ensina a Escritura, Deus amou-nos de tal modo que não poupou o seu Filho e entregou-o à morte para a nossa salvação. É na cruz que a entrega do Pai se manifesta. Olhando para a cruz, deveríamos dizer: “- O Pai ama-me imensamente!”. A cruz conta o amor que o

Pai tem por nós. É o gesto mais elevado de todos os gestos com que Deus falou ao longo dos tempos. Agora, o Pai dá-nos o melhor de si mesmo, o seu maior dom, o seu próprio Filho. É a primeira entrega, a entrega do Pai, o rosto do amor.

A cruz revela a entrega do Filho. Não pensemos que Jesus se socorreu da sua dignidade de Filho de Deus para se livrar dos sofrimentos da cruz. Não se trata duma história aparente. Jesus sofre realmente porque era homem e não se privou do caminho da cruz. No Jardim das Oliveiras ainda reza ao Pai que afastasse, se possível, aquele cálice mas estava disponível para abraçar o seu caminho de dores. É uma entrega real, livre e redentora. Jesus entrega-se como nosso irmão, como um de nós porque é homem mas como Filho de Deus que na comunhão com o Pai nos salva. A cruz revela o amor que Jesus nos tem. Ele mesmo ensinou aos apóstolos que ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos. Se bem o disse, melhor o fez. A cruz é a história da entrega do Filho por cada um de nós, é o rosto visível do amor.

A cruz revela a entrega do Espírito Santo. No momento culminante, quando está consumada a missão histórica de Jesus de Nazaré, o Filho entrega o Espírito ao Pai. É o momento maior da revelação da Santíssima Trindade. O que acontece na cruz, não é a morte de Deus mas, antes, a morte em Deus. O pó da nossa vida, o barro de que somos formados e que exprime a nossa fragilidade, é vivificado pelo Espírito do amor novo, do amor de Deus que é o Espírito Santo. O nosso pecado é vencido pelo fogo desta comunhão das pessoas divinas que se revela na cruz. A entrega do Espírito Santo é a morte da morte, é a vida plena, regenerada pelo amor de Deus. O pecado de Adão dá lugar à Graça que Deus nos oferece de forma gratuita e perfeita.

A cruz é a história das três entregas: Do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Deus entrega-se, e entrega-nos a sua salvação. Na cruz de Jesus, Deus vive a paixão pela humanidade no mistério pleno do seu amor por nós.

3. MEDITAÇÃO DA PALAVRA

Pode acontecer que o modo como vivemos os mistérios da Paixão e Morte de Jesus esteja um pouco desfocado do que deve ser a fê genuína dos cristãos. Por vezes, diante de Jesus crucificado, ficamos com “pena” do que Lhe aconteceu e ficamos até muito sensibilizados com a injustiça de que foi vítima. Sem nos darmos conta, colocamo-nos à distância. Certamente, entre os observadores do Calvário, os que tinham ido para assistir, também muitos acharam que aquela morte era injusta e abanaram a cabeça em sinal de desacordo mas... nem por isso se tornaram discípulos do Senhor Jesus. Diante de Jesus crucificado, a nossa atitude não pode ficar cristalizada na “pena”, antes, há-de ir mais além.

Somos convidados a “olhar para além da chaga”! Devemos olhar para além do que os nossos olhos vêem. Só aí descobriremos o amor de Deus que nos abraça e nos redime. Tal como no presépio não se revela só um menino deitadinho nas palhinhas mas sim o Verbo encarnado, na cruz, não se revela só um mestre injustiçado que morre fiel à sua causa. Na cruz, o crucificado é o nosso Salvador.

Perante o Salvador, só podemos ter vontade de correr para Ele para O abraçar. O nosso lugar não é à distância a observar o que está a acontecer. Antes, o nosso lugar é ao lado de Maria que, desolada, abraça a cruz do seu Filho e o acolhe morto nos seus braços. O nosso lugar é junto à cruz, melhor, o nosso lugar é na cruz.

A cruz de Jesus conta a história da humanidade. É o sinal dos nossos pecados, das nossas fragilidades, das nossas debilidades. A cruz de Jesus diz-nos quem somos, conta a história da nossa vida. O que Jesus vive na cruz é que nós vivemos na nossa experiência quotidiana. A injustiça, a calúnia, o desprezo, a angústia, a indiferença, o gozo, a solidão, a tristeza, etc... são experiências de Jesus na cruz mas são, ao mesmo tempo, as nossas experiências que nos fazem sentir mal e, por isso, precisam de ser redimidas.

O nosso mal é que, muitas vezes, vivemos tudo isso longe da cruz de Jesus e quando estamos a viver a nossa solidão nem nos lembramos que Jesus já a redimiui na sua cruz; quando somos vítimas da injustiça, nem nos lembramos que Jesus já a redimiui na sua cruz. E o que acontece é que diante dessas nossas experiências, revoltamo-nos e deixamos que o rancor e o ódio nos dominem, isto é, vivemos tudo isso longe da cruz de Jesus, à distância. É como se a morte de Jesus não tocasse muitas das nossas vivências e dos nossos dramas. No fundo, não nos deixamos tocar pelo amor que Jesus nos dá com a entrega da sua vida.

4. ILUMINAÇÃO DA VIDA PELA PALAVRA

Contemplando a cruz do crucificado, deveríamos ter a coragem de dizer: “-aquele sou eu; aquela é a minha história!” Mais do que ter pena de Jesus é necessário viver a nossa vida como Jesus a viveu. É preciso deixarmo-nos crucificar para passarmos para além da cruz reencontrando o sentido renovado da nossa vida. Numa palavra, a cruz de Jesus está ocupada só dum lado; o outro lado, o lado que está vazio, é o nosso lado. Só crucificados com o crucificado, saberemos encontrar o significado da sua Paixão redentora.

É neste Jesus crucificado que nós acreditamos. Ter fé é deixarmo-nos amar desta maneira e deixarmo-nos tocar, na vida concreta, com o Espírito do crucificado e ressuscitado. Só poderemos estar diante de Deus que nos acolhe na eternidade se, desde já, no dia-a-dia, branquearmos as nossas túnicas no sangue do Cordeiro. A nossa paixão sem a cruz de Jesus torna-se desespero insuportável. A nossa paixão vivida na dimensão da cruz de Jesus é caminho de santidade e abraço redentor.

Esta é a beleza da nossa fé. A imensa fragilidade da cruz manifesta o poder do amor de Deus. O crucificado não revela um Deus arrogante que esmaga as criaturas, antes, revela a infinita vontade de Deus que se faz um de nós para que nós nos elevemos até Ele. Assim, as nossas debilidades não são impedimento de vermos a Deus. Deus não está à espera de sermos criaturas

perfeitas para, então, nos amar. É pela sua misericórdia, na cruz do Senhor da história, que nos salvamos.

Para podermos agora partilhar: Olhando para a minha vida, quais têm sido as experiências mais dolorosas que me tornam mais semelhantes a Jesus crucificado? De que modo estou eu no Calvário? À distância, com pena, ou como Maria, abraçando e unindo-me ao que a cruz significa? Que significado tem para mim o lado que está livre na cruz de Jesus? Reconheço esse lado como o meu lugar?

5. ORAÇÃO

Senhor Jesus: Nós te damos graças pela Palavra que hoje derramaste em nossas vidas. Com humildade te pedimos que nos robusteças com o teu Espírito para sermos capazes de a vivermos segundo o teu desígnio de amor. Dá-nos a graça de olhar para a tua cruz com um olhar renovado, descobrindo nos sinais da morte, a profecia da vida. Faz-nos ver também que os nossos momentos difíceis não são sinais da tua ausência mas, antes, uma oportunidade a que nos configuremos, sempre mais, com o teu mistério de dor e de amor. Te rogamos que nos concedas a graças de olhar a tua cruz como um grande “sinal mais” que traças na nossa vida que nos assinalou no dia do nosso Baptismo e nos assinala em cada dia da nossa existência. – *Ámen!*

CELEBRAÇÕES

CELEBRAÇÃO PELO NATAL

CONVERSÃO

Coisas a ter em conta

O lugar normal da celebração é a Igreja (paroquial).

Junto ao altar deve preparar-se um presépio com as imagens principais e uma almofada com a imagem do Menino. Ao lado devem colocar-se duas velas acesas.

Quanto possível a igreja deve estar adornada com motivos de Natal.

A celebração deve começar ao fundo da igreja ou na porta da sacristia, onde devem colocar-se dois castiçais com velas acesas e a imagem do Menino (que servirá para o momento de adoração).

Os leitores devem escolher-se antes da celebração e preparar as respectivas leituras.

Deve preparar-se antes uma pequena folha com os cânticos a utilizar na celebração para que todos possam participar.

Os participantes ocuparão um lugar no corpo da igreja; depois de todos reunidos, entrará o presidente da celebração com os respectivos acólitos.

Cântico: Deixa Deus entrar na tua própria casa (ou outro)

Saudação Inicial

Terminado o cântico de entrada, os fiéis fazem o sinal da cruz, e o ministro ordenado saúda-os do modo habitual. Depois pode fazer-se uma breve introdução à celebração.

*Se o orientador for um leigo, diz: **Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Todos respondem: Para sempre seja louvado e sua Mãe Maria Santíssima.***

Abertura à escuta da Palavra:

Todos: Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor.

Presidente: Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado.

Todos. E renovareis a face da terra.

Presidente: Senhor, que iluminastes os corações dos fiéis com dons do Espírito Santo, fazei que, no mesmo Espírito, apreciemos tudo o que é recto e gozemos sempre das suas consolações. Por Cristo, nosso Senhor.

Todos. Amen.

1º Leitor: Do Evangelho segundo S. Marcos (Mc 11,1-11)

Estando próximos de Jerusalém, perto de Betfagé e de Betânia, junto ao Monte das Oliveiras, Jesus enviou dois dos seus discípulos e disse-lhes: «Ide à povoação que está em frente de vós e, logo que nela entrardes, encontrareis um jumentinho preso, que ainda ninguém montou. Soltai-o e trazei-o. E se alguém vos perguntar: ‘Porque fazeis isso?’ respondei: ‘O Senhor precisa dele;’ e logo o mandará de volta.»

Partiram e encontraram um jumentinho preso junto de uma porta, do lado de fora, na rua, e soltaram-no. Alguns que ali se encontravam disseram-lhes: «Que é isso de soltar o jumentinho?» Responderam como Jesus tinha dito e eles deixaram-nos ir. Levaram o jumentinho a Jesus, lançaram-lhe por cima as

capas e Jesus montou nele. Muitos estenderam as capas pelo caminho; outros, ramos de verdura que tinham cortado nos campos. E tanto os que iam à frente como os que vinham atrás gritavam:

Hossana!

Bendito seja o que vem em nome do Senhor!

Bendito o Reino do nosso pai David que está a chegar.

Hossana nas alturas!

***Salmo:** Mostrai-nos o vosso amor, dai-nos a vossa salvação
(Lc 2,29-32).*

2º Leitor: Do Evangelho segundo S. Marcos (Mc 7,14-23)

Chamando de novo a multidão, dizia: «Ouvi-me todos e procurai entender. Nada há fora do homem que, entrando nele, o possa tornar impuro. Mas o que sai do homem, isso é que o torna impuro. Se alguém tem ouvidos para ouvir, oiça.»

Quando, ao deixar a multidão, regressou a casa, os discípulos interrogaram-no acerca da parábola. Ele respondeu: «Também vós não compreendeis? Não percebeis que nada do que, de fora, entra no homem o pode tornar impuro, porque não penetra no coração mas sim no ventre, e depois é expelido em lugar próprio?» Assim, declarava puros todos os alimentos. E disse: «O que sai do homem, isso é que torna o homem impuro. Porque é do interior do coração dos homens que saem os maus pensamentos, as prostituições, roubos, assassínios, adultérios, ambições, perversidade, má fé, devassidão, inveja, maledicência, orgulho, desvarios. Todas estas maldades saem de dentro e tornam o homem impuro.»

***Salmo:** Hoje se escutardes a voz do Senhor. (Sl 94)*

3º Leitor: Do Evangelho segundo S. Marcos (Mc 1,14-20)

Depois de João ter sido preso, Jesus foi para a Galileia, e proclamava o Evangelho de Deus, dizendo: «Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo: arrependei-vos e acreditai no Evangelho.»

Passando ao longo do mar da Galileia, viu Simão e André, seu irmão, que lançavam as redes ao mar, pois eram pescadores. E disse-lhes Jesus: «Vinde comigo e farei de vós pescadores de homens.» Deixando logo as redes, seguiram-no.

Um pouco adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco a consertar as redes, e logo os chamou. E eles deixaram no barco seu pai Zebedeu com os assalariados e partiram com Ele.

***Salmo:** Esperamos, Senhor, na vossa misericórdia: que ela venha sobre nós. (Sl 32).*

Breve momento de interiorização (partilha por quem preside)

Momento de silêncio

***Cântico:** A luz de Cristo (ou outro)*

Preces livres:

Presidente: Irmãos e irmãs: elevemos ao Pai celeste as nossas súplicas pelos homens e mulheres de toda a terra, aos quais Ele enviou o próprio Filho, dizendo: ***Senhor, venha a nós o vosso reino.***

Pai nosso...

Gesto: Adoração ao Menino

Organiza-se a procissão e o Presidente dá o Menino a beijar. Durante a adoração do Menino cantam-se cânticos de Natal.

Despedida:

O presidente faz a despedida da assembleia do modo habitual, dando a bênção e desejando a todos um SANTO NATAL.

CELEBRAÇÃO PELA PÁSCOA

RESSURREIÇÃO

Coisas a ter em conta

O lugar normal da celebração é a Igreja (paroquial).

Junto ao altar deve preparar-se um bonito arranjo de flores, sinal da ressurreição; bem como uma bandeja com uma cruz para cada participante.

A celebração deve começar ao fundo da igreja ou na porta da sacristia, onde devem colocar-se dois castiçais com velas acesas e a cruz processional.

Os leitores devem escolher-se antes da celebração e preparar as respectivas leituras.

Deve preparar-se antes uma pequena folha com os cânticos a utilizar na celebração para que todos possam participar.

Os participantes ocuparão um lugar no corpo da igreja; depois de todos reunidos, entrará o presidente da celebração com os respectivos acólitos.

Cântico: *Vêm com alegria* **ou** *Sede a rocha do meu refúgio* **ou** *Ressuscitou, Ressuscitou... Aleluia* (ou outro)

Saudação Inicial

Terminado o cântico de entrada, os fiéis fazem o sinal da cruz, e o ministro ordenado saúda-os do modo habitual. Depois pode fazer-se uma breve introdução à celebração.

Se o orientador for um leigo, diz: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Todos respondem: Para sempre seja louvado e sua Mãe Maria Santíssima.

Abertura à escuta da Palavra:

Todos: Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor.

Presidente: Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado.

Todos. E renovareis a face da terra.

Presidente: Senhor, que iluminastes os corações dos fiéis com dons do Espírito Santo, fazei que, no mesmo Espírito, apreciemos tudo o que é recto e gozemos sempre das suas consolações. Por Cristo, nosso Senhor.

Todos. Amen.

1º Leitor: Do Evangelho segundo S. Marcos (Mc 15,33-39)

Ao chegar o meio-dia, fez-se trevas por toda a terra, até às três da tarde. E às três da tarde, Jesus exclamou em alta voz: «Eloí, Eloí, lemá sabachtáni?», que quer dizer: Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?

Ao ouvi-lo, alguns que estavam ali disseram: «Está a chamar por Elias!» Um deles correu a embeber uma esponja em vinagre, pô-la numa cana e deu-lhe de beber, dizendo: «Esperemos, a ver se Elias vem tirá-lo dali.» Mas Jesus, com um grito forte, expirou. E o véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo.

O centurião que estava em frente dele, ao vê-lo expirar daquela maneira, disse: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!»

Salmo: Pecámos, Senhor: tende compaixão de nós. (Sl 50).

2º Leitor: Do Evangelho segundo S. Marcos (Mc 8,27-32)

Jesus partiu com os discípulos para as aldeias de Cesareia de Filipe. No caminho, fez aos discípulos esta pergunta: «Quem dizem os homens que Eu sou?» Disseram-lhe: «João Baptista; outros, Elias; e outros, que és um dos profetas.»

«E vós, quem dizeis que Eu sou?» - perguntou-lhes. Pedro tomou a palavra, e disse: «Tu és o Messias.» Ordenou-lhes, então, que não dissessem isto a ninguém.

Começou, depois, a ensinar-lhes que o Filho do Homem tinha de sofrer muito e ser rejeitado pelos anciãos, pelos sumos sacerdotes e pelos doutores da Lei, e ser morto e ressuscitar depois de três dias. E dizia claramente estas coisas.

Salmo: Feliz o homem que segue o Senhor. (Sl 111)

3º Leitor: Do Evangelho segundo S. Marcos (Mc 16,9-14)

Tendo ressuscitado de manhã, no primeiro dia da semana, Jesus apareceu primeiramente a Maria de Magdala, da qual expulsara sete demónios. Ela foi anunciá-lo aos que tinham sido seus companheiros, que viviam em luto e em pranto. Mas eles, ouvindo dizer que Jesus estava vivo e fora visto por ela, não acreditaram.

Depois disto, Jesus apareceu com um aspecto diferente a dois deles que iam a caminho do campo. Eles voltaram para trás a fim de o anunciar aos restantes. E também não acreditaram neles.

Apareceu, finalmente, aos próprios Onze quando estavam à mesa, e censurou-lhes a incredulidade e a dureza de coração em não acreditarem naqueles que o tinham visto ressuscitado.

Salmo: Aleluia (Pascal). (Sl 117).

Breve momento de interiorização (partilha por quem preside)

Momento de silêncio

Cântico: *Cantai ao Senhor ou Deus está aqui ou Aleluia (ou outro)*

Preces livres:

Presidente: Irmãos e irmãs: Neste dia santíssimo que o Senhor fez, em que o Espírito nos torna homens novos, oremos ao Pai, para que a alegria da Páscoa se estenda ao mundo inteiro, dizendo com fé: ***Pela Ressurreição do vosso Filho, ouvi-nos, Senhor.***

Pai nosso...

Gesto: Entrega de uma cruz

O Presidente benze as cruzes. Em seguida convida os participantes a irem junto do altar para receberem a cruz. Esta cruz deverá ser entregue pelo participante a outra pessoa (que não esteve presente), como gesto de anúncio da Ressurreição.

Despedida:

O presidente faz a despedida da assembleia do modo habitual, dando a bênção e desejando a todos uma Santa Páscoa.

CELEBRAÇÃO NO FINAL DO ANO

ENVIO

Coisas a ter em conta

O lugar normal da celebração é a Igreja (paroquial).

Junto ao altar pode cuidar-se de um espaço com sinais que façam referencia ao apostolado (sandália, cajado, alforge, Bíblia...), bem como as velas com a frase bíblica a distribuir no final da celebração.

A celebração deve começar ao fundo da igreja ou na porta da sacristia, onde devem colocar-se dois castiçais com velas acesas e a cruz processional.

Os leitores devem escolher-se antes da celebração e preparar as respectivas leituras.

Deve preparar-se antes uma pequena folha com os cânticos a utilizar na celebração para que todos possam participar.

Os participantes ocuparão um lugar no corpo da igreja; depois de todos reunidos, entrará o presidente da celebração com os respectivos acólitos.

Cântico: *Não fostes vós que Me escolheste (ou outro)*

Saudação Inicial

Terminado o cântico de entrada, os fiéis fazem o sinal da cruz, e o ministro ordenado saúda-os do modo habitual. Depois pode fazer-se uma breve introdução à celebração.

Se o orientador for um leigo, diz: Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo. Todos respondem: Para sempre seja louvado e sua Mãe Maria Santíssima.

Abertura à escuta da Palavra:

Todos: Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor.

Presidente: Enviai, Senhor, o vosso Espírito e tudo será criado.

Todos. E renovareis a face da terra.

Presidente: Senhor, que iluminastes os corações dos fiéis com dons do Espírito Santo, fazei que, no mesmo Espírito, apreciemos tudo o que é recto e gozemos sempre das suas consolações. Por Cristo, nosso Senhor.

Todos. Amen.

1º Leitor: Do Evangelho segundo S. Marcos (Mc 9,30-37)

Partindo dali, atravessaram a Galileia, e Jesus não queria que ninguém o soubesse, porque ia instruindo os seus discípulos e dizia-lhes: «O Filho do Homem vai ser entregue nas mãos dos homens que o hão-de matar; mas, três dias depois de ser morto, ressuscitará.» Mas eles não entendiam esta linguagem e tinham receio de o interrogar.

Chegaram a Cafarnaúm e, quando estavam em casa, Jesus perguntou: «Que discutíeis pelo caminho?» Ficaram em silêncio porque, no caminho, tinham discutido uns com os outros sobre qual deles era o maior.

Sentando-se, chamou os Doze e disse-lhes: «Se alguém quiser ser o primeiro, há-de ser o último de todos e o servo de todos.» E, tomando um menino, colocou-o no meio deles, abraçou-o e disse-lhes: «Quem receber um destes meninos em meu nome é a mim que recebe; e quem me receber, não me recebe a mim mas àquele que me enviou.»

Salmo: O Senhor é meu Pastor. (Sl 22)

2º Leitor: Do Evangelho segundo S. Marcos (Mc 8,34-38)

Chamando a si a multidão, juntamente com os discípulos, disse-lhes: «Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Na verdade, quem quiser salvar a sua vida, há-de perdê-la; mas, quem perder a sua vida por causa de mim e do Evangelho, há-de salvá-la. Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se perder a sua vida? Ou que pode o homem dar em troca da sua vida?

Pois quem se envergonhar de mim e das minhas palavras entre esta geração adúltera e pecadora, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai, com os santos anjos.»

Salmo: Bendito o que vem em nome do Senhor. (Lc 1,68-79)

3º Leitor: Do Evangelho segundo S. Marcos (Mc 16,15-20)

E disse-lhes: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura. Quem acreditar e for batizado será salvo; mas, quem não acreditar será condenado.

Estes sinais acompanharão aqueles que acreditarem: em meu nome expulsarão demónios, falarão línguas novas, apanharão serpentes com as mãos e, se beberem algum veneno mortal, não sofrerão nenhum mal; hão-de impor as mãos aos doentes e eles ficarão curados.»

Então, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi arrebatado ao Céu e sentou-se à direita de Deus.

Eles, partindo, foram pregar por toda a parte; o Senhor cooperava com eles, confirmando a Palavra com os sinais que a acompanhavam.

Salmo: *Esperamos, Senhor, na vossa misericórdia: que ela venha sobre nós. (Sl 32).*

Breve momento de interiorização (partilha por quem preside)

Momento de silêncio

Cântico: *És a minha vida (ou outro)*

Preces livres:

Presidente: Irmãos e irmãs: voltemos para Jesus o nosso olhar e peçamos-Lhe que dê coragem aos que trabalham pela Igreja e aos que sofrem humilhações pelo seu nome, dizendo, com alegria: **Cristo ressuscitado, ouvimos.**

Pai nosso...

Gesto: Entrega de uma vela com uma frase bíblica

O Presidente entrega a cada participante uma vela (de copo) com uma frase (mensagem) bíblica colada. A luz de Cristo e a Sua Palavra serão força e suporte para a missão de anúncio e envio que receberam.

Despedida:

O presidente faz a despedida da assembleia do modo habitual, dando a bênção e desejando a todos umas boas férias.

Cântico: *Anunciaremos Teu Reino (ou outro)*